

# AUTORES & LIVROS

Ano III  
14/3/1943

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ" Vol. 10  
publicado semanalmente, sob a direção de Muelo Núm. 9  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

## Notícia sobre Bernardo Guimarães

Bernardo Guimarães nasceu em 15 de agosto de 1825. — A data de seu nascimento, que por muito tempo foi controversa, parece agora assentada de maneira definitiva. Davam-no por nascido em 1827, e entre estes enfiliavam-se críticos e historiadores da responsabilidade de Inocência Blique, Sívio Romero, Alípio, Ronald de Carvalho e outros. Basílio de Magalhães, porém, comunica que a data de nascimento que está na declaração de que Bernardo se matriculou na Faculdade de Direito de São Paulo: ela consta, igualmente, na carta de bacharel de Bernardo, que esse biógrafo viu em mãos da viúva do romancista. E em sua obra sobre o autor de "O Seminário", transcreve ele a certidão de nascimento de Bernardo, na qual está a data de 25. 8.º, pois, uma vez esclarecida.

Fra Bernardo filho de João Joaquim da Silva Guimarães, nascido em Sabará em 1877, e igualmente prosador e poeta, e de D. Constança Guimarães.

Ass 4 anos, sua família se transferiu para Uberaba, e com ele foi a criança. Seguiu depois para Campo Belo, a fim de fazer no seminário local, o curso de humanidades; concluiu esses estudos em Ouro Preto, no Colégio do padre-monge Leandro. Aos 22 anos, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, formando um grupo inseparável com Alvaro de Azevedo e Aureliano Lessa, como ele poetas da melhor expressão na geração de estudantes de São Paulo. Os três planejaram publicar um livro intitulado "Três Liras", livro que nunca chegou a ser feito. S. Paulo era, então, um centro de agitação literária transbordante e ardente. Estava-se em pleno romantismo, e a influência de Byron, Hugo, Musset, Espronceda e Heine pairava no ar. A casa de Bernardo Guimarães foi logo um

dos lugares preferidos dos estudantes. Ali, nas noites de quarta-feira, organizavam-se as "ceias escolásticas", que se caracterizavam pelas recitações dos "bestealógicos". Bernardo Guimarães tornou-se mestre nesse gênero, do qual, numa das páginas deste suplemento, damos uma pitoresca amostra. E desse tempo que data a fundação da "Sociedade Epicurea", que tantas desvaldadas invenções originou no espírito dos jovens poetas da Faculdade paulista. Bernardo foi, desde logo, um dos líderes desses boêmios, e contam-se de sua existência nesse período episódios muito curiosos, como aquele da suposta morte de Alvaro de Azevedo. Bernardo e Aureliano Lessa estenderam na sala de visitas o colega como morto, enquanto iam angariar dinheiro para o enterro. Ao regressarem traziam vinho, cerveja e comida, e indo para um cômodo interno, começaram a fazer uma lauta comemoração da morte do amigo. Até que Alvaro percebeu pelo cheiro da comida que até ele chegava, que estava sendo levado, levantou-se do leito mortuário, com grande escândalo dos que faziam o velório, gritando: "Canaihas! Eu aqui como morto e vocês lá dentro a se banquetear! Vou também regalar-me!" (Basílio de Magalhães — Bernardo Guimarães, p. 31).

Bernardo fez o curso jurídico como um péssimo estudante, obtendo simplesmente e sendo mesmo reprovado numa cadeira do curso; revelara-se jornalista, entretanto, colaborando nos "Ensaços Literários" do Ateneu Paulistano e no "Bom Senso". Bacharelou-se em 1852, e logo depois foi nomeado juiz municipal de Catalão, termo da comarca do Rio Paraíba, em Goiás. Em 55 e 56 esteve no Araxós, e em 58 esteve residindo no Rio de Janeiro. No ano seguinte, assume a direção da parte literária da "Atualidade", or-

gão do Partido Liberal; ali foi companheiro de trabalho de Flavio Parnes, Lafayette Rodrigues Pereira e Pedro Luis. Em meados de 61, deixa o Rio de Janeiro e regressa à sua comarca de Catalão, novamente como juiz municipal e de orações. Pouco depois acumulava com as funções de juiz as funções de delegado de polícia. Foi, porém, logo depois, exonerado desse último cargo com a nota de "a bem do serviço público", por ter cometido esta enormidade: apiedado dos presos, convocou sem demora uma reunião do júri absolveu-os todos, e soltou-os todos... Bernardo foi suspenso do seu cargo de juiz municipal, mas não quis submeter-se, e o incidente que isso originou teve repercussão no Rio.

Em 1864 está ele no Rio de Janeiro. Em 15 de agosto de 1867 casou-se em Ouro Preto, com D. Teresa Guimarães, sua prima. Era então professor de Retórica e Poética do Liceu Mineiro de Ouro Preto, cadeira que logo depois foi suprimida. Em 73 voltou ao magistério, indo lecionar latim e francês em Queluz. Também essa cadeira foi em breve suprimida.

Em 1881, D. Pedro II visita Minas, e um dos seus cuidados é visitar Bernardo Guimarães, que S. M. reputa um grande poeta e um grande romancista. Conta-se que o imperador quis dar-lhe o título de barão. O escritor recusou-o, dizendo: "Qual majestade! Onde é que se viu um barão sem baronato?"

Recebeu, logo depois, o encargo oficial de escrever a "História de Minas Gerais", livro ao qual se dedicou inteiramente mas que ficou incompleto. Teve de seu matrimônio vários filhos, e duas filhas. Uma dessas foi Constança, a terceira esposa de seu primo Alphonso, o grande poeta místico de "Klirale" e de "Escada de Jacó". Bernardo Guimarães faleceu em 10 de março de 1884.



BERNARDO GUIMARÃES

## SUMÁRIO

PAGINA 129:

— Notícia sobre Bernardo Guimarães  
— Bibliografia de Bernardo Guimarães, segundo Arthur Motta.

PAGINA 130, 131 e 132:

— A Poesia de Bernardo Guimarães:  
— Desalento  
— A sepultura de um escravo  
— Ilusão  
— O Sabá  
— O nua perante os poetas  
— A orgia dos duendes  
— Se eu de ti me esquecer  
— Gentil Sofia (Balada)  
— Barcarola

PAGINA 133:

— A posição moderna de Bernardo Guimarães, de João Alphonso

PAGINA 134 e 135:

— Algumas páginas de O Seminário de Bernardo Guimarães  
— Um autógrafo de Bernardo Guimarães. Carta a um amigo

PAGINA 136:

— Combate com os Chavantes, de Bernardo Guimarães  
— A figura de Isaura, de Bernardo Guimarães

PAGINA 137:

— A Escrava Isaura, um panfleto político, de Mario Casassanta  
— Guaraciaba, de Bernardo Guimarães  
— Contrato para a edição das "Poesias" de Bernardo Guimarães

PAGINA 138:

— Estudo sobre Bernardo Guimarães, de Augusto de Lima  
— A casa de Bernardo Guimarães (Desenho de José Guimarães Chaves).

PAGINA 139:

— Carta do Livro Garnier a Bernardo Guimarães  
— Soneto, de Bernardo Guimarães  
— O Muquem, de Bernardo Guimarães  
— Bernardo Guimarães, de Leoncio Corrêa

PAGINA 140, 141 e 142:

— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea, 2ª Série — Antologia da Poesia, IV — Viriato Corrêa  
— Viriato Corrêa (nota biográfica e um retrato feito por Pacheco)  
— Bibliografia de Viriato Corrêa

— Algumas fontes sobre Viriato Corrêa

— O Crime de Pedro, conto de Viriato Corrêa  
— O epílogo do Homem Honrado (fac-símile de autógrafo de Viriato Corrêa)

— Os Canaviais de Fernandes Vieira, de Viriato Corrêa

— O terceiro Viriato Corrêa, de Viriato Corrêa

— Gratidão humana, de Viriato Corrêa

— A teimosia do homem, de Viriato Corrêa

— Duas concepções de Estado de Oliveira Vianna

PAGINA 143:

— "Antero" — I — de Carlos de Assis Pereira  
— A Poesia de um velho almanaque, de Muelo Leão  
— Correspondência de escritores. Carta de Aníbal Teófilo a Marcelino Fagundes

PAGINA 144:

— Um autógrafo de Castro Alves — O hóspede  
— O céu das "Spirituals" de Cecília Meireles  
— Notas de um estudante. Palavras inéditas de Jesus, de João Ribeiro

## BIBLIOGRAFIA DE BERNARDO GUIMARÃES, SEGUNDO ARTHUR MOTTA

- 1 — CANTOS DA SOLIDÃO. S. Paulo, Tipografia Liberal, 1852.
- 2 — POESIAS — (Cantos da Solidão — Inspirações da tarde — Poesias diversas — Evoções — A beira do Botafogo) 3.ª edição — 378 páginas — Rio, H. Garnier, 1865.
- 3 — O ERMITÃO DE MURQUEM, romance — 218 páginas, Rio, H. Garnier — 1.ª edição 1865.
- 4 — LENDAS E ROMANCES, novelas — 245 páginas (nova edição) Rio, H. Garnier, 1.ª edição 1871.
- 5 — O GARIMPEIRO, romance — 247 páginas, Rio, H. Garnier, 1.ª edição, 1872.
- 6 — HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS, novelas, 263 páginas — Rio, H. Garnier — 1.ª edição, 1872.
- 7 — O SEMINARISTA — romance, 294 páginas — Rio, H. Garnier — 1.ª edição 1872.
- 8 — O ÍNDIO AFONSO, romance — A morte de Gonçal-

- ves Dias, poemeto — 144 páginas — Rio, H. Garnier — 1.ª edição, 1873.
- 9 — A ESCRAVA ISaura, romance (nova edição) 278 páginas, Rio, H. Garnier — 1.ª edição, 1875.
- 10 — NOVAS POESIAS — 202 páginas, Rio, B. L. Garnier, 1876.
- 11 — MAURICIO OU OS PAULISTAS EM S. JOÃO D'EL-REY, romance, 2 vols. — 338 — 340 páginas — Rio, B. L. Garnier — 1877.
- 12 — ROSAURA, a enfeitada — romance — 572 páginas — Rio, B. L. Garnier — 1883.
- 13 — FOLHAS DE OUTONO, poemas — 258 páginas — Rio, B. L. Garnier — 1883.
- 14 — A ILHA MALDITA — O PAO DE OURO — romances — 214 páginas — Rio, H. Garnier — 1879.
- 15 — O BANDO DO RIO DAS MORTES, romance — 201 páginas — Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas — 1904.
- 16 — A VOZ DO PAGE, drama (inédito).
- 17 — OS DOIS RECRUTAS, drama (inédito).

Edições principais — Cantos da Solidão — S. Paulo, Tipografia Liberal, 1852; 2.ª edição em 1858 (Rio), 3.ª edição em 1865 com o título de Poesias.

Colaborou em o "Bom Senso", "Ensaços Literários de São Paulo", "Atualidade" (onde escreveu o juízo crítico sobre as "Inspirações do claustru" de Junqueira Freire), "Jornal do Comércio" — "Revista Brasileira" (2.ª fase): A Camões — 1880.

Encontram-se seus retratos em "Literature Brésilienne" de Vitor Orban, no "Almanack Alves", (1917) na "Revista Ilustrada", de Angelo Agostini, na "Revista do Brasil" (Janeiro de 1920), nos "Discursos Acadêmicos (v. 3.ª), em "Vultos e Livros", de Arthur Motta.

# A POESIA DE

## Desejo

Mestas noites sem lua nem  
Buscando sem esperança.  
Meu baloi em vão se curva  
Por ganhar o amargo porco;  
Em sinistro negro Veu  
Minha estrela se escondendo;  
Não vejo luz no céu  
Nem um lume de conforto.

A tormenta desvalvou-me,  
Mastro e vela esvalvou-me.  
E sem alento deixei-me  
Sobre o elemento infiel;  
Quero já o bramir trevo  
Das vagas contra o ruído  
Onde há — talvez bem cedo —  
Bosquejar o meu baloi.

No horizonte não lebrigo  
Nem praia, nem porto amigo  
Que me salve do perigo.  
Nem final que me esclareça;  
Bó vejo as vagas rolando,  
Pelos rochos solitando  
E mi coriscos salitando  
A medonha treva espessa.

Voga, baloi sem ventura  
Pelo turbulento planura.  
Através da sombra escura,  
Voga sem lume e sem norte;  
Sem velas, fendido o mastro,  
Nas vagas lançado o lastro,  
E sem ver nos céus um astro,  
Aí que só se resta a morte!

Nada mais ambiciono,  
As vagas: eu te abandono,  
Como cavalo sem dono  
Pelas campas a vagar;  
Voga nesse pegu irano,  
Que nos mares do oceano  
Ouve a voz do desengano  
Pavorosa a ribombar!

Voga, baloi forçado,  
Voga sem rumo — perdido.  
Pela tormenta batido,  
Sobre o elemento infiel;  
Para lá não há bonança;  
A lã, sem lume avança  
Neste mar sem esperança,  
Voga, voga, meu baloi!

(Poesias)

## A sepultura de um escravo

Também do escravo a humilde sepultura  
Um gemido perece de saudade!  
Uma lágrima só corre sobre ela  
De compaixão no mecos.  
Filho da África, enfim livre das ferras  
Tu dormes acoberto o eterno sono  
Debaixo dessa terra que regaste  
De prantos e suores.

Certo, mais doce te seria agora  
Jazer no meio lá dos teus desertos  
A sombra da palmeira, — não faltara  
Piedade cavalho de saudade olhos  
Que te regasse a campã;  
Lá muitas vez, em noites d'alva lua,  
Canção chorosa, que ao tanger monôtona  
De rude lãz teus irmãos entoam.  
Teus matos acordara:  
Mas aqui — tu já jazes como a folha  
Que caiu na poeira do caminho,  
Calcada sob os pés indiferentes  
Do viajor que passa.

Porém que importa — se repouso achaste,  
Que em vão buscavas neste vale escuro.  
Fertil de pranto e dores;  
Que importa — se não há sobre esta terra  
Faro e infelicidade sosegada?  
A terra é só do rico e poderoso.  
E desses ídolos que a fortuna incensa,  
E que, ébrios de orgulho,  
Pisam, sem ver que com seus veios roda  
Ben carro d'ouro estampa um mendigante  
No lodo do caminho!...  
Mas o céu é daquele que na vida  
Sob o peso da cruz passa gemendo;  
E de quem sobre as chagas do indolente  
Derrama o doce bálsamo das lágrimas;  
E do orfão infeliz, do anjo perdido,  
Que da indigência no bordão se arruma;  
E do pobre cativo, que em trabalhos  
No rude afan exala o alento extremo;  
— O céu é da inocência e da virtude,  
O céu é do infortunio.

Repouso agora em paz, fiel escravo,  
Que na campã quebraste os ferros teus,  
No meio dessa terra que regaste  
De prantos e suores.  
E vós, que vindes visitar da morte  
O lugubre aposento,  
Deixai cair no menos uma lágrima  
De compaixão sobre esta humilde covã  
Al repouso a clon do Africano!  
— O símbolo do infortunio.

(Poesias)

## Ilusão

Vê, que paiol formoso a tarde borda  
Na brilhante alfafa do ocidente!

As nuvens em fantásticos relevos  
Assa olhos fingem, que inda além da terra  
Sevo horizonte infinito se prolonga.  
Onde lindas paisagens se desenhavam  
Desconhecidas, perdendo-se no vago  
De vaporosas longes...  
Lagos banhados de reflexos d'ouro,  
Onde se espelham gigantesas fabrilas;  
Solitárias encostas, onde avulsam  
Aqui e alã ruins pitorescas.  
Agrestes brezhas, sacarias brancas,  
Pendentes alancas, agudas pincaras,  
Fendendo um lindo céu de azul e rosas;  
Fontes, cascatas, delitiosos parques,  
Encantadas cidades quas só pode  
Criar condão de fadas.  
Burden do vale, entre vapor brilhante,  
Com a fronde coroada de mil torres,  
De agulhas cogitadas, de vastas cúpulas;  
E alã ainda mil aéreas formos.  
Mil vagas perspectivas se desviam,  
Que por longes sem fim se vão perdendo!  
Todo enleado na ilusão d'ouso.  
Longo tempo meus olhos espalheço...  
Porém do céu as cores lá desbotam,  
Os fulgores se extinguem, se esvaecem  
As fantásticas formos... sem de mais  
A noite desdobra o céu das sombras  
Sobre o aéreo paiol maravilhoso;  
Apenas pelas orlas do horizonte  
Bruxula através da escuridão  
O crespo dorso dos opacos montes,  
E sobre eles fugindo impetuosos,  
Suspensa, como pádua lucterna,  
A solitária estrela do crepúsculo.

Assim vos apogei em sombra escura,  
Leda visões da quadra dos amores!...  
Lã vem na vida um tempo  
Em que a um sopro gelido se extingue  
A fantasia ardente.  
Esse sol puro da manhã dos anos,  
Que doura-nos as nuvens da existência,  
E mostra alã, pelo porvir brilhando,  
Um céu formoso e rico de esperança;  
E esses puros bens, que a mente ilusa  
Cimbara em tanto amor, tanto mistério,  
Lã vão sumir-se um dia  
Nas tristes sombras da realidade;  
E de tudo que foi, conosco fica.  
No fim dos tempos, a saudade apenas,  
Triste fanal, brilhando entre ruínas!

(Poesias)

## O Sabiá

*L'esprit semble le véritable emblème  
du chrétien tel-bat; il préfère, comme la  
fidèle, la solitude au monde, le ciel à la  
terre, et se voit tout sans cesse les mer-  
ciles du Créateur.*

(CHATEAUBRIAND)

Tu nunca ouviste, quando o sol é posto,  
E que do dia apenas aparece,  
Por sobre os trinos pincaros do oceano,  
A orla extrema do purpureo mar?  
Quando lá do sagrado campanário  
Já reboia do bronze e som piedoso,  
Abençoando as horas do silêncio;  
Recebe instante de jubilo remanso,  
De mago solido, em que parece  
Falzar benção divina sobre a terra.  
No momento em que a noite vem sobre ela  
Desdobrar o seu manto solenito;  
Tu nunca ouviste, em solitária encosta,  
De amor tronco na solidão grimpas,  
A voz saudosa do cantor da tarde  
Erguer-se melancólica e suave  
Como uma prece extrema, que a natureza  
Envia ao céu. — suspiro derradeiro  
Do dia, que entre sombras se esvaece?  
O viandante para ouvir-lhe os quebros  
Para, e se assenta à margem do caminho;  
Encostado aos umbrais do pobre albergue,  
Clama o colono aos sons do estêreo canto  
Já das rudes fadigas deslembro;  
E sob as asas úmidas da noite  
Aos melgoz sons em êxtase suave  
Adormece embalsada a natureza.

Quem te inspira o doce acento,  
Sabiá melodioso?  
Que mágicas tristes lamentas  
Nesse canto suspiroso?

Quem te ensinou a canção,  
Que cantas ao pôr do dia?  
Quem revelou-te os quebros  
De tão mágica harmonia?

Acaso a ausência tu choras  
Do sol, que alã se sumira;  
E teu canto ao dia extinto  
Mavoso adeus supria?

Os nesses notas sentidas,  
Exalando o termo ardor,  
Tu contas à melha tarde  
Segredos do teu amor?

Cança, que o teu doce canto  
Nestas horas tão serenas,  
Nos ares d'alma adormece  
O pungir de acerbos penas

Clama o vale ao brande acento  
De tua voz harmoniosa;  
Clama, e deslembra tristuras  
De sua vida afanosa.

E ora malina se lhe acorda  
Do passado, uma visão,  
Que em perfumes de saudade  
Vem banhar-lhe o coração;

Cra um sonho lhe visitava  
Pelas trevas do porvir,  
E uma estrela e esperança  
Am seu céu lhe vem sorrir;

E por mundos encantados  
Lhe desma o pensamento  
Qual pueras que o velho encon-  
Felo azul do firmamento.

Cança, avulsa amarela,  
Eu teu sono amoo,  
Sauda as horas sonoras  
Do aêro e do riposo;

Adormece a balança  
Assa gota de tua canção;  
Cança até que o teu murra  
De todo um escuridão.

Assim o bardo inspirado,  
Quando a eterna noite escure  
Lhe anuncia a fatal hora  
De banhar a sepultura.

Um adeus supriro à vida  
Sobre as coras mudolando,  
Em seu hino suplicatório  
Vai adormecer cantando.

Colinou-te o céu de seus dom,  
Sabia melodioso;  
Tua vida atormentada  
Desliza em porre poa.

No topo do tronco excelso  
Deu-te um tronco de verdura;  
Deu-te a voz melodiosa  
Cora que encimava a natureza.

Deu-te os céus da velada  
Pra respirar-te a canção;  
Deu-te amor no doce ninho,  
Deu-te os céus da solidão.

Sorre-te a vida serena  
Como um sonho atormentado; —  
Oh! que é doce o teu viver!  
— Cança e amar — eis teu fado!

Cança e amar! — quem dera ao triste bardo  
Assim viver um dia;  
Também nos céus os anjos de Deus vivem  
De amor e de harmonia;  
Quem me dera qual tu, cantor dos bosques  
Na paz da solidão,  
Sobre as ondas do tempo ir resvalando  
Assa gota de uma canção,  
E exalando da vida e sopro extremo  
Num cântico de amor,  
Sobre um rolo da lãz enviar um dia  
Minh'alma ao Chaderi!...

(Poesias)

## O nariz perante os poetas

Cantem outros os olhos, os cabelos  
E mil cousas gentis  
Das belas suas: eu de minha amada  
Cantar quero o nariz

Não sei que fado misero e mesquinho  
E este do nariz,  
Que poeta nenhum em prova ou versos  
Canta-lo jamais quis.

Os dentes são perna  
Os lábios rubis,  
As traças lustrosas  
São laços sutis,  
Que prendem, que enchem  
Amante feliz;  
E polo de garça  
A nivea cerviz;  
Porém ninguém diz  
O que é o nariz

Beija-se os cabelos,  
E os olhos belos,  
E a boca mimosa,  
E a face de rosa  
De fresco malva;  
E nem um só beijo  
Fica de sobrio  
Pro pobre nariz;  
Alí pobre nariz,  
E'a bem infeliz!

Entretanto, — notai a sem razão  
Do mundo injusto e vão; —  
Entretanto o nariz é do semblante  
O ponto culminante;

No meio das demais feições do rosto  
Erguido é o seu porto.  
Sem como um tronco, e acima dessa gentia  
Eleva-se eminentemente.

Trabalha sempre os olhos; mais ainda  
A boca, o queixo, os dentes;  
E — miseros plebeus — vão exercendo  
Ofícios diferentes.

Mas o nariz, fidalgo de bom gosto  
Desliza brandamente  
Vida voluptuosa entre as delicias  
De um doce far-niente.

Solito fãla, em seu divãz sentado  
A respirar perfumes,  
Da bonaventurada ária gozando,  
Não tem inveja aos nuzes.

# BERNARDO GUIMARÃES

Para ele produz o rico Oriente  
O pedregal, a nitidez, o incenso;  
Para ele nasceu a flor de seus cofres  
Vozes e tesouro infinito.

Amoroso foi sua, a mania aragem  
As asas mimando  
Amorosa foi sua, a mania aragem  
Amorosa foi sua, a mania aragem.

E tu, pobre neta, sofres o inchoado  
Ninguém dos poetas?  
Sofres calado? não te atreves a dar  
Da paciência as maldades?

Neta, neta, já é tempo  
De recar a tua quinquina;  
Pois, se não há poesia  
Que não tenha o seu perfume,  
Então que o poeta se mude o cheiro  
De aromas não aromas.  
Por que razão os poetas,  
Porque de neta não falam,  
Do neta, pra quem sempre  
Esses perfumes se exalam?

Onde, pois, lustras os vates,  
Acharam as fragrâncias,  
Os bálsamos odorais,  
De que encheia vossas estâncias,  
Os effluvia, os aromas  
Que nos versos espalhas;  
Onde acharias perfumes,  
Se não houvesse neta?  
O vos, que ao neta negais  
Os foros de fidalguia,  
Nobis, que se por um erro  
Não há neta na poesia,  
E' por seu fado infeliz,  
Mas não é porque não haja  
Poesia no neta.

Atenção pois aos sons de minha lira,  
Vós todos, que me ouvis,  
De minha b-m amada em versos d'ouro  
Cantar quero o neta.  
O neta de meu bem é como... oh! céus!...  
E como o quê? por mais que lide e soe,  
Nem uma sílaba se avizinha!  
Que neta possa esta hoje uma toupeira.

Nem uma líria  
Me dá do neta!...  
O miserando,  
Triste fidalgo!!!  
Se bem não lembra, a Bíblia em qualquer parte  
Costa cair no Livro comparia;  
Se tal era o neta,  
De que tamanho não seria a carafina!...

E ai de mim! desgraciado,  
Se o meu doce bem amado  
Ve-se neta comparado  
A uma arguila monstrosa;  
Com razão e sem tardança,  
Com rigores e repugnância,  
Tomará cruel vingança  
Por essa injúria tamanha.

Pois bem!... Vou arrolar-me pelo vago  
Livro romancesco que a troche-mocha  
Do romantismo o gênio cá nos trouxe,  
Que pra todas as coisas vão servindo;  
E a fantasia as idéias acendendo.

Irei, bem como um cão,  
Nas andas me atirar do vasto pego,  
Que as românticas nuvens desenvolvas  
Costumam navegar a reles mato.

E nascer como o coração,  
Sem ter corda, sem cravilha,  
Na linguagem dos poetas  
A uma harpa se assemelha;

Como as mãos de alva donzela  
Parecem cotões de rosas,  
E as roupas se mala espessas  
São em verso vanitosas;

E o corpo de sabella virgem  
Tem feição de coqueiro,  
E so com um beijo se quebra  
De tão frágil e ligeiro;

E como os olhos são flechas,  
Que os corações vão travando;  
E outras vezes são flautas  
Que de noite vão cantando;

Pra rematar tanta pena  
O neta será trombeta!...

Trombeta o meu neta!!! ouço-a bradando  
Pois meu neta é trombeta!...  
Oh! não mais ar, poeta,  
com meu neta s'intermetta.

Pardão por esta vez, perdão, senhora,  
As novas inspirações me acudiu agora,  
E em honra ao teu neta  
Das labias me arrubem a em chafariz:

O teu neta, doce amada,  
É um castelo de amor,  
Pelas mãos das proprias graças  
Fabricado com primor.

As suas ventas estreitas  
São como duas seteiras,  
Onde ele neta dispara  
Agudas flechas certieiras.

Em que situa te puz, amor, cotado!  
Meu Deus, em que perigo?  
Se a neta expulsa, prios ares soltas,  
E em terra d'as contigü.  
Então já causação, deisto da empresa,  
Um versos mimados cantar-te bem quis;  
Mas não o consente do neta porverso,  
Que fante infeliz:  
Está decidido... não puzes com verso,  
Rebelde neta.

E hoje tu deves  
Te dar por feita  
Se estas versinhas  
Brincando te fia.

(Rio, 1888)

(Pondant)

## A orgia dos Duendes

### I

Mela-poite sou na floresta  
No relajo de sino da pé;  
E a velhinha, rainha da festa,  
Se assentou sobre o grande girão.

Lobishome apinhava os gravetos  
E a foguetra no chão acendia,  
Revirando as compridas apertas,  
Para a eta de grande louca.

Junto dele um vermeinho diabo  
Que saia do auto das fons,  
Pendurando num pé pelo rabo,  
No borralho tortava pipocas.

Taturana, taturana amarela,  
Reemungando com ar carrancudo  
Se ocupava em trigar na peneta  
Um menino com tripa e tudo.

Getirana com todo o sopro  
A caldura da sopa adubava  
Com o sangue de um velho morcego  
Que ali mesmo co'as unhas sangrava.

Mamamava frigia nas banhas  
Que trouxera do cachapo de um frade,  
Adubado com pernas de aranhas,  
Fresco lombo de um frei dom abade.

Vento sul sobrou na combustão,  
Galo-preto na cunha espouca;  
Por três vezes subiu as matruas,  
No cupim o macuco piou.

E a rainha co'as mãos ressequidas  
O sinal por três vezes foi dando,  
A corte das almas perdidas  
Desta poite ao balque chamando:

"Vinde, o litão do ouro do pé,  
Lagarruxa do rabo vermeinho,  
Vinde, vinde tocar marimbau,  
Que hoje é festa de grande aparchio.

Paparriga do monte das cobras,  
Que fazeis lá no fundo da brenha?  
Do sepulcro traz-nos as abobras,  
E do inferno os meus felizes de brenha.

Idé já peneirar-me a banduira,  
Que me deu minha tia Marcelina,  
E que se vertes da noite amureira,  
Pendurada no arco da velha.

Onde raia, que inda aqui não te vejo,  
Esqueleto gamento e gentil?  
Eu queria acordar-te d'um beijo  
Lá no teu tenebreiro covil.

Galo-preto da torre da morte,  
Que te apanhas em leito de brama,  
Vem agora esquecer tua sorte,  
Vem-me em torno arrastar tua ama.

Sapo-inclado, que moras na serra  
Onde a mão do defunto entrecel,  
Tu não sabes que hoje é tua nova,  
Que é o dia das danças de lei?

Tu também, ó gentil Crocodilo,  
Não dephora o suco das uvas;  
Vem beber excelente resido  
Que eu do pranto extrai das vivas.

Lobishome, que fazes, meu bem,  
Que não vens ao sagrado balque?  
Como brataes com tanto dandem,  
Quem a c'ria te deu de grã duque?

### II

Mil duendes dos antros saíram  
Baleando e batendo matruas,  
E mil bruxas uivando surgirão,  
Cavalgando em compridas calças.

Três diabos vestidos de rosa  
Se assentaram aos pés da rainha,  
E um deles, que tinha o pé coxo,  
Começou a tocar campainha.

Campainha, que toca, é ovelha  
Com badelo de casco do burro,  
Que no meio da selva agoureira  
Vai fazendo medinho susurro.

Capetinhas trepadas nos galhos  
Com o rabo enrolado no pé  
Uma agitação sonora chocalhosa,  
Outros p'corriem a tocar marimbau.

Crocodilo tocava no papo  
Com ruído de grande fregor;  
E na inclada barriga de um sapo  
Esqueleto tocava lambeor.

De parca de um seco defunto  
E das tripas de um velho barão,  
De uma bruxa engenhosa e bestunta  
Arruio logo feros rubecão.

Assentado nos pés da rainha...  
Lobishome bala a balda  
C'a canja de um frade, que tinha  
Inda um pouco de carne corrupta.

Já recomeça timbalos e rufos,  
Perve a dança do catonê;  
Taturana, batendo os adufos,  
Bapalão cantando — e o rei

Getirana, bruxinha tarasca,  
Arrastando fanhosa banduira,  
Com tremenda embigada dançava  
A batida do velho Caturra.

O Caturra era um sapo papudo  
Com dois chifres vermelhos na testa,  
E era ele, a despeito de tudo,  
O ímpar mais patasco da festa.

Já no meio da roda surrando  
Aparece a mula-sem-cabeça,  
Hate palmas a zúcia berrando  
— Viva, viva a zra, condessa!...

E dançando em redor da foguetra  
Vão girando, girando sem fim,  
Cada qual uma estrade agoureira  
Vão saltando alternados assim:

### III

#### TATURANA

Das praxeiras de amor as primicias,  
De meu pai entre os braços gostei;  
E de amor as extremas delicias  
Deu-me um filho, que dele gostei.

Mas se minha frequência foi tanta,  
De um convenio fui feita profeta;  
Onde morri de uma amia;  
Vejam lá, que tal foi esta poça.

#### GETIRANA

Por conselhos de um cônego abade  
Dous maridos na cova esquiei;  
E depois por amores de um frade  
Ao suplício o abade arrastei.

Os amantes, a quem despojei,  
Conduzi das destruições ao cômulo,  
E alguns filhos por artes que sei,  
Me caíram do ventre no túmulo.

#### GALO PRETO

Como frade de um santo convento  
Fui gordo touceiro crei;  
E de lindas donzelas um cento  
No altar da luxúria queimei.

Mas na vida besta de nascido  
Muitos contos contei, jejuei,  
Té que um dia de estoque apodetei  
Nos abismos do inferno estorcei.

#### ESQUELETO

Por fazer aos mortais crua guerra  
Muitos foguetras no mundo ateei;  
Quanto vivos queimei sobre a terra,  
Ja eu mesmo contá-los não sei.

Das severas virtudes monásticas  
Dei ao infante piedoso exemplo;  
E por isso cabeças fanhásticas  
Inda me seguem alturas e tempestades.

#### MULA-SEM-CABEÇA

Por um bispo eu morri de amor,  
Que a final meus estromos pagou;  
Meu marido, fervendo em furor  
De chistes, o bispo matou.

Do consórcio enjoei-me dos laços,  
E ansiosa quis vê-los quebrados,  
Meu marido piquet em pedacos,  
E depois o nome aos bocados.

Entre galas, veludo e damasco  
Eu vivi, bela e nobre condessa;  
E por fim entre as mãos do carrasco  
Sobre um cepo perdi a cabeça.

#### CROCODILO

Eu fui papa, e aos meus inimigos  
Para o inferno mandei d'um sopro;  
E também por servir aos amigos  
Té nas hostias bolava veneno.

De principinas cruéis e devassas  
Fui na terra constante patrono;  
Por gozar de suas mimos e graças  
Opiei aos maridos sem sono.

Eu na terra vigário de Cristo,  
Que nas mãos tinha a chave do céu  
Eis que um dia de um golpe imprévisito  
Nos infernos caí de bofé.

#### LOBISHOME

Eu fui rei, e aos vassallos fideis  
Por chalça mandava enforcar;  
E sabia por modos cruéis  
As esposas e filhas roubar.

Do meu reino e de minhas cidades  
O talento e a virtude enjoei;  
De michelins, cartuchos e frades,  
De meu trono os degraus rodei.

Com o sangue e suor de meus povos  
Diverti-me e criei esta pança;  
Para enfim, urras dando e corcovos,  
Vir ao demo servir de pilança.

#### RAINHA

Já no ventre materno fui boa;  
Minha mãe, ao nascer, eu matei;  
E meu pai por herdar-me a coroa  
Em seu leito co'as mãos espanei.

Um irmão mais idoso que eu,  
Cuma peida amurada ao peçoço,  
Atirado às oullas mortas,  
Atogado no fundo de um poço.

Em marido nenhum achei grato;  
Ao primeiro, a qual tinha cunha,  
Três peles co'as colchas do leito  
Abafei para sempre os quistuzes.

# A POESIA DE BERNARDO GUIMARÃES

As segundas, da torre do paco,  
Larguei por me ser delicia;  
Ao terceiro por fim a um abraço  
Ficou costas cravel-lhe um punhal

Entre a turba de meus servilões  
Recrutei meus amantes de um dia;  
Quem trazia meus rios favores  
Nos abismos do mar se sumia.

No lançoete infernal da insânia  
Quantos vasos aos lábios chevia,  
Surticeta nos desjos a fuma,  
Sua pedrada depois os quebrava.

Quem pratica proezas tenebrosas  
Cada vez por fraça e maldade,  
E morre por suas façanhas  
Lá, mesmo entre vos ser fadada.

## IV

De batuque infernal, que não finda,  
Tu balança o fatal rodopio;  
Mais veloz, mais vezo, mais ainda  
Pirra a dança como um coropio.

Mas eis que no mais quente da festa,  
Um rebenque estalando se ouviu  
Galopando através da floresta  
Magro espectro sinistro surgiu.

## Gentil Sofia (BALADA)

"Fia já minha Sofia,  
Fia  
"Enquanto eu faço esta ceta,  
Ea?  
"Está hoje com tamanha  
Mentia,  
"Que não sabe dessa janelia;  
Kela  
"Querir ver te estudantes  
Anter  
"Do que andar depressa  
Essa  
"Tarefa, que afica a banda,  
Anda!...  
"Pesa já no teu serviço;  
Desol...  
"Anter que as ventas te esbarrel.  
Arrei!..."

Tal a velha moxibenta  
Berlia  
Os seus raios redobrava  
Brava,  
Enquanto a gentil Sofia  
Fia  
A conta da netinha  
Tinha  
Em seu peito bem oculto  
Culto,  
Que a tinguem revelava;  
Lava  
Que o seu peito todo inflama;  
Flama  
Que a traza em mil apuros  
Puros,  
E abrindo sem receio  
Seio,  
Que reconhece os ardis,  
Diz:

"Perdão minha avó materna  
Terna,  
"Se eu para meu repouso  
Quero  
"Abrir de meu coração  
São  
"Os ouvidos escaninhos,  
Ninhos  
"Em que amores eternos  
Ternos  
"Os cuidados que me aturdam  
Urdem."

A isto a velha casmurra  
Uria  
E com voz endiabrada  
Brada:  
"Disceste em palavras poucas  
Cucas,  
"Quanta asseira há neste imundo  
Mundo,  
"Menina, tão frisa cousas  
Cousas,  
"Declarar a tua avó?  
Oh!  
"Se acaso de amor as chamas  
Amas,  
"Vai buscar noutras lugares  
Ares,  
"Que eu não ouvirei jamais  
Ais  
"De mentis apaixonada  
Nada!"

Mas Sofia lhe respondeu:

"Onde  
"Queris agora que eu vá?...  
Ah!  
"Minha avó par pidade  
Ha de  
"Escutar-me alguns instantes  
Anter  
"De me lançar para fora!  
Ora  
"O que amar me levou  
Voa  
"Contar ouvindo esta louça;  
Coca...  
"Vi um dia um noço ludo

Indo  
"A passar desla janela;  
Kela  
"Pregava um olhar inquieto  
Queiro;  
"Na guitarra um som vibrando  
Brande  
"De amor cantou-me diversos  
Versos  
"Sua voz que quanto encanta,  
Canta  
"E de como linhu reclama  
Amor!  
"Em meu peito essa palavra  
Lavra,  
"E esta alma, que não socorra;  
Cega,  
"Depois nesta sua escrava  
Crava  
"Um olhar, de que morri;  
Ru,  
"E me diz — Eu serei teu  
Eul!  
"Serei tua! — Ele responde  
Ponco  
"A mão sobre coração  
São.  
"E chegou-se muito esperto  
Perio,  
"E com toda a garlidade  
Diser:  
"Tu és como a primorosa  
Bosa  
"Puta em vaso de alabastra;  
Astro,  
"Que me alumia o presente;  
Enle  
"Que eu mais preso e mais anelo;  
Elo  
"De uma prisão suave;  
Ave  
"Que me canta mil divinos  
Ilhos,  
"Anjo que traz-me em delirio;  
Lido,  
"Cujo seio puro extreme  
Treme,  
"Se a brisa dá-lhes sobrejo  
Beijos,  
"Em torturas violentas  
Lentias  
"Antes eu nunca masmorra  
Morra,  
"Do que ver quebrar os belos  
Eios  
"Do grilhão que amor prepara-  
Para  
"Nossa união sempiterna  
Terna".

A velha responde assim:

"Sim!  
"Bem conheço este insolente  
Enle,  
"Que insulfou-te tamanhas  
Manhas,  
"Eu acho no tal sujeito  
Gelto,  
"De quem nem um pó vintem  
Tem,  
"Como homem que não se  
tempreça...  
"Muita petia aos inocentes  
Entre,  
"Tu estás muito enganada...  
Nada

"Pra casar é preciso  
Quio...  
"Alia que nique de mente  
Mente,  
"E para que te seduzas  
Uia  
"Desse melos e promessas;  
Essas  
"Ele nunca as cumprirá  
Ahi  
"Se eu o pinto a verdade  
Ha de  
"Solgar a pedir os meus  
Urtil...  
"Ahi! En'antel... Venha!...  
Cael..."

Hedondo esqueleto aos arrancaes  
Chocallava nas abas da cela;  
Era a morte, que vinha de branco  
Anticida mudo égua amarela.

O terrível rebenque zunindo  
A novela canilha enxovava;  
E a escuridão a gritava zunido  
Com sua boca desta arte bradava;

"Pora, fora! esqueleto poente,  
Lobisomem, e linhas miradas!  
Para a cora cozes osse mojentas!  
Para o inferno essas almas duradas!"

Um estouro rebentou nas setas,  
Que recendem com cheiro de enxofre  
E na terra por baixo das relvas  
Toda a noite sumiu-se de chofre.

## V

E aos primeiros alhores do dia  
Nem ao menos se viam vestígios  
Da deflenda, asquerosa folia,  
Dessa noite de horrendos prodígios.

E nos ramos saltavam as aves  
Corregando canoros queixumes,  
E brincavam as auras suaves  
Entre as flores colubendo perfumes.

E na sombra daquele arvoredor,  
Queinda há pouco viu tantos horrores,  
Passando sereníla e sem medo  
Linda virgem clamava de amores.

(Poesias)

A menina irresolúta  
Lula  
Em mil angustias mortais,  
Tais,  
Que iam quase sufoca-lai  
Cala  
Mas enfim volta-lhe o alento  
Lento,  
E com a voz alquebrada  
Brada:  
"Minha avó, não vos angustia;  
Eis,  
"Como o caso sucedeu:  
Eu  
"Ja casei com esse inocente  
Enle  
"A quem votais tão serido  
Odio,  
"A ele, o quem agradet,  
Dei  
"O que mais uma donzela  
Zela,  
"Seu amor, sua fé constante  
Ante  
"Vosso vizinho compadre  
Padre;  
"Ele posu-se de antemão  
Mão  
"Que a muito tua netinha  
Tinha  
"Ao espaco bem fadado  
Dado."

Eis que a velha vocifera  
Pera,  
E de uma ferradura  
Dura  
Que o acaso ali movrava  
Trava  
E a menina desditosa  
Tosa...  
A netinha em gritaria  
Ila  
Pelas cantos, obliquando  
Quando  
Vendo abrisa uma parvia  
Nela  
Procurando uma escapula  
Pula,  
E pela rua se vai!  
"Ai!

"Tenho a cabeça quebrada  
Brada,  
"E para pedir socorro  
Corro".  
Nisto o vizinho compadre  
Padre,  
Bom pastor de vida obscura,  
Cura,  
Que com sua salva guarda  
Guarda  
Da cama pula de um salto  
Gado  
Ouvindo os descomunais  
Ais,  
Que a donzela que se acordava  
Exava,  
Da cama pula de um salto  
Alto,  
E a quem dele se socorre  
Corre;  
E diz a velha casmurra:

"Urrah!  
"Perdão se eu sem estorvo  
Torvo  
"Pela sua casa a dentro  
Entra,  
"O meu Deus! que de encarcas  
Cera!  
"Que holo o mundo vem abaixo  
Arbol...  
"Esta casa já tão tarde  
Arde  
"Entre mil ruidabredos  
Brados...  
"Comadre, quem muito berra  
Erri,  
"E quem muito se arreganha  
Ganha  
"Com tamanha matimada  
Nada,  
"Vossa netinha inocente  
Benta

## SE EU DE TI ME ESQUECER

Se eu de ti me esquecer, sem mais um riso  
Passam meus tristes lábios esquecer;  
Para sempre abandone-me a esperança,  
Se eu de ti me esquecer.

Nemem-me nunca o ar, nemem-me as lagrimas  
Estraba amiga, em que possa esquecer;  
Não tenham para mim memórias as águas  
Se eu de ti me esquecer.

Em minhas mãos em esp de se mude  
No mesmo instante a flor, que eu for colher;  
Em lei a fonte a que chamar meus lábios  
Se eu de ti me esquecer.

Em meu peregrinar jamais encontre  
Debre albergue, onde possa eu abalar;  
De plaga em plaga, ferido vague,  
Se eu de ti me esquecer.

Qual sombra de preséio entre os viventes  
Passe os miseros dias a sonhar,  
E em meus martírios me reconte o mundo,  
Se eu de ti me esquecer.

Se eu de ti me esquecer, nem uma lágrima  
Caja sobre a sepultura, em que eu jazer;  
Por todos esquecido viva e morra,  
Se eu de ti me esquecer.

("Novas Poesias")

"Dentro dalma uns arrepios  
Pios  
"Por um rapar que a mereço.  
Esse.  
"Pique incor de himeneu  
Eu  
"JA uni a sua amante  
Ante  
"O alia do Onipotente  
Enle  
"Um de outro sem reunisção  
São.  
"E não sei isto quimera  
Mora  
"Eu meane, que os enlaet,  
Sei".

Do padre a fala singra  
Gela  
As furas da moxibenta  
Berlia,  
E a ferrenha catadura  
Dura  
Em um, instante quodon-se  
Dace,  
E todo agulie serido  
Odio.  
Qual palla nos golpes da foice,  
Foi-te  
Zinquanto a pobre netinha  
Tinha  
Nos olhos olhos de mágoa  
Terna.

"JA que, como tu pudesle,  
Deste,  
"Tu não a esse inocente  
Enle,  
"Tambem dentro desta casa  
Cosa  
"Que eu deiti a teu esposo  
Pouzo".

(De "Novas Poesias")

## BARCAROLA

Feticeira moreninha,  
Que á tardinha  
Vem na praia passear  
Vé a minha barra luda,  
Mais ainda  
Que o mimoso penular.

A vogar  
Sobre o mar  
Nos meus braços vem amar,  
Achara neste barguinha  
Doce ninho  
Para de amores cismar,  
Embalada pela vaça,  
Que se afaga  
A luz de brando luar.

E' no mar  
A vogar  
E' no mar, que eu sei amar.

Rongue embara a tempestade,  
Que não há-de  
Nosso barco desbarbar;  
Eu não temo mais canibom,  
Se tens olhe  
Junto a mim voja a luar.

A vogar  
Sobre o mar  
Só tu me trizes lidar,  
Anna e toda a praia manca,  
Nem te coça  
De sempre e sempre a lojar;  
E minha alma vem com ela,  
O' deusa  
Sou amoro seduzar.

Sobre o mar  
Sem medo  
Por ti vou a seduzar.

A minha barra é veleia,  
E liguia  
Sale as rochas evitar;  
Nem temo nenhum perigo,  
Quando sigo  
Por larol o teu olhar.

Sobre o mar  
A lulliar  
Sé minha cetrila polar,  
Tal qual é assim formosa,  
E conosa,  
Deve ser filha do mar;  
De teu lábio os rocais  
Onde mais  
Podetes enlutar.

Sobre o mar  
A vogar  
Vem teus olhos derramar,  
De teus olhos cismadonia  
Os fulgores  
Parceme não luzar,  
Quando na onda docemente  
Desmente  
Vem teus raios repomar.

A cismar  
Vem ao mar  
Em meus braços te embalar,  
Moreninha feticeira  
Que secura  
Pela praia vem cismar,  
Olha a enia preguença,  
Que amoroza  
Vem na areia soluçar.

A bolar  
Sobre o mar  
Nela amor te vem buscar.  
Vem é minha barra luda  
Mais ainda  
Que o mimoso penular;  
Neste berço encantador  
Neste amor  
Nunca mais se há-de acubar.

Sobre o mar  
A vogar  
Viveremos só de amar.  
("Novas Poesias")



Bernardo Guimarães, num retrato  
de Wladimir Kowalewsky

# A posição moderna de Bernardo Guimarães — João Alphonso

Foi em posição moderna, quanto a um escritor quase sempre da primeira mão de que os modernos se interessam, talvez não seja aceitável. Mas a posição que há uma posição negativa... Sob esse aspecto, posso até acrescentar uma análise moderna da obra de Bernardo, pela presença de um leitor da prova, que foi Antonio de Alcântara Machado. Aliás, esta é uma nota à margem de citações abrangendo um período de mais de vinte anos, desde quando se falou em modernidade.

Quando Arthur Motta publicou em 1921 "José de Alencar (o Escritor e o Político) — Sua Vida e Sua Obra", subordinou Bernardo Guimarães a influência de Alencar, pag. 281.

Quando foi o primeiro a apontar a direção do realismo tradicionalista, mas não só apontou, mas também o estilo descrever, tanto como Franklin Tavora, "Sempre se distinguia como paisagista, embora não tivesse a mesma percepção do mestre. A sua forma própria era menos correta do que a de Alencar e favora. — O "Ermão de Muquem" é de 1832, no passo que "Casa de Branca", primeiro romance de os romances de Franklin Tavora, publicado em 1843, em folhetim de "Folha de Recife". É verdade que o trabalho de estrin de escritor coadunou — "O ludo de Aguarine" — é de 1832; mas devemos objetar que esse romance se ordena-se à escola romântica.

Há ali uma diferenciação talvez baseada em Syvito Buarque, entre realismo tradicionalista e romance de costumes, romances e neste confessa Arthur Motta a precedência a Tavora, através de datas. Ao passo que o moderno Romão de Carvalho, na sua "Pequena História da Literatura Brasileira", não hesitou em atribuir a primeira a Bernardo, pag. 268-269, 2.ª edição, 1922.

Com Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1827-1903), há nos as primeiras do sertanismo, do romance campestre, que Arinos, nos rápidos contos de "Pelo Sertão", poliu e desenvolveu de um modo quase definitivo, usando dos mesmos processos de Turgeneff, nas "Histórias de um Caçador". O romancista mineiro repetiu sem esforço, ainda que artificialmente, por vezes, as impressões da sua vida de provinciano perdido nas catangas do planalto central, no meio da campêda rude, dos vaqueiros e dos senhores de fazendas do interior. Poeta, antes de tudo, Bernardo Guimarães sentiu, mais do que observou, as coisas do mundo. "Maurício", "Escrava Isaura", "O Semelhante" e "Ermão", revelam as várias etapas que atravessou o escritor, ora preocupado com os trapalhões, ora com os negros, ora com as pequenas intrigas da sociedade colonial.

As primeiras do sertanismo, sentidas em Ronald, é que estão certas, ainda que lhe ficasse erradamente o ano de nascimento, que foi 1825, e o da morte, 1884. A trapalhada de datas na vida do romancista mineiro, muita vez provocada por ele mesmo, dá para uma série de artigos. A confusão entre o dia do nascimento foi motivada pelo poeta Bernardo, quando, em 15 de agosto de 1894, fez um poema "Ao meu aniversário", principiando assim: "Já se vão lustros a esta minha vida anos". É o que nos ensina Basílio de Magalhães, pag. 17 de Bernardo Guimarães, reboque biográfico e crítico, onde também, com a segurança de dados que caracteriza o autor, se encontra a indicação daquelas primeiras, pag. 134.

"O Ermão de Muquem" ou

a história da fundação da ro-maria de Muquem, na província de Goiás (foi escrito em Ouro Preto, no ano de 1838, como se vê do prefácio, vindo à luz, principalmente, no "Constitucional", da capital mineira, em 1836; a 1.ª ed. Garnier é de 1889).

Assim, o primeiro romance sertanejo de Bernardo é de 1838. E se se duvidar do ano em que diz que o escreveu, se verá que o publicou em folhetim, em Ouro Preto, no mesmo ano em que Tavora publicava "Casa de Branca" da mesma maneira em Recife. Note-se que Arthur Motta dá 1836 para o aparecimento do "Ermão", naturalmente em livro, quando o foi em 1839.

No seu esboço biográfico e crítico, Basílio de Magalhães escreve positivamente que Bernardo Guimarães "integrou o matuto em nossa literatura, precedendo-nos a Franklin Tavora", — questão que perdura toda importância ante a afirmativa do lugar que conferiu ao mineiro, pag. 153. "Eis a plenitude do proador, em cujo meio reapareceu Bernardo Guimarães, para luzir como estrela de primeira grandza, porquanto, na opinião dos competentes, acordada com o consenso geral, é ele, entre os nossos três grandes escritores do período romântico, inferior a Alencar e superior a Macedo" — e isso com base nos historiadores literários e críticos que alinha nas páginas antecedentes. Para, em seguida, comemorar os proadores que vieram depois, até Virgílio Várzea e Xavier Marques, e concluir, pag. 157: "Mas... isso tudo é a passadismo... Espantamos de agora em diante, pelas flores e pelos frutos do tão matraqueado modernismo".

O esboço é de 1925. A respeito do escritor estudado, o autor cita Ronald de Carvalho, sem distinguir, porém, que se trata de um proer do matraqueado movimento literário, então em plena ebulição. E cita-lhe, extrai da "Pequena História", notações compreensivas como esta: "Suas descrições são agradáveis, e até justas algumas vezes; ele sabia evocar admiravelmente os aspectos da natureza, animava com espontaneidade as formas mudas da paisagem, mostrava-se carinhoso para com as aves e as plantas, pintava com voluptuoso encanto a verdadeira beleza dos campos, a curva das colinas no horizonte, e o sedoso rumor das frentes balançadas pelo vento morno do sertão".

— Pág. 140 do esboço biográfico e crítico, pag. 269 da "Pequena História", terminando assim o trecho citado: "Aqui, não poderemos apunhá-lo em falso, vê-se que o artista estava no seu elemento quando se defrontava com a alma natal. E é como descriptivo que merece atenção".

A respeito de descrições... Aqui entra o pre-modernista Monteiro Lobato, no seu livro "Cidades Mortas". Lida-se-lhe A Vida em Oblivion, na cidade morta. É um conto (?) de 1908, mas incluído em livro depois que o autor de "Grupês" ganhou renome, a partir de 1919; e se o incluiu, não modificou esta opinião pitoresca (pag. 16 de "Contos Leves", edição definitiva, 1941):

"No concerto dos nossos romancistas, onde Alencar é o plano querido das moças, e Macedo sensaboria lemborá dum flautim piçaga, Bernardo é a sanfona. Lê-lo é ir para o matto, para a roça — mas uma roça adjetivada por menina de São, onde os prados são amarelos, os vergéis floridos, os rios caudalosos, as matas viridentes, os pináculos altíssimos, as sabias sonoras, as colinas místicas. Bernardo descreve a natureza como, um cego que ouvisse con-

tar e reproduzisse as paisagens com os qualificativos serrados do mau contador. Não existe nele o vício enérgico da impressão pessoal. Vinte vergéis que descreva são vinte perfeitos e invariáveis amenidades. Nossas de-sejabilíssimas caipiras são sempre lindas murenas cor de jumbo. — Bernardo falatista o nosso matto. Onde toda a gente vê urupatos, pernilongos, espinhos, Bernardo aponta docuras, insetos maviosos, flores olentes. — Bernardo mente. — Mas como mente menos que o Paulo de Kock ou o truculento Ponson, pai do Romanceiro, escolhi-o".

Na sua Oblivion, se existem três livros, que constituem a biblioteca pública ambulante, assim sede, de mão em mão, três livros venerandos, encadernados pelo uso, com as capas sujas, contelhadas de pingos de vela.

Não passo despercebido a minutude estudiosa, que é Basílio de Magalhães, que tirada, a propósito da qual anota a página 141 que "o consagrado autor dos 'Grupês' preferiu a ironia à verdade", contestando-o em seguida, porque a deficiência procede dos olhos românticos, comuns a Macedo, a Alencar e aos outros. Podia-se lembrar que Bernardo não coloca beleza natural adjetivada nas laperas penedias do centro de Minas, nas suas histórias de quilombos, etc.; mas o que importa a esta nota é a atitude de Monteiro Lobato, para pôr em relevo a posição de Bernardo.

Pertencendo a uma geração posterior à de Ronald, nascida mesmo do modernismo, Antonio de Alcântara Machado escreveu um artigo, O jovem Bernardo Guimarães, para o número especial dedicado a Minas, de "O Jornal", em 1939, e depois incluído no seu livro postumo, "Cavacinho e Saxofone", de 1940. Dando toda importância à vida de Bernardo e lhe exagerando a beócia com aquele gosto pelo caricatural que lhe era próprio, Alcântara escreve sobre a obra, pag. 215-216:

"O mineiro Bernardo Guimarães é desses cujo nome os versos e as novelas que escreveu se conservam nas antologias mais ou menos tolerantes."

— A gente apenas se lembra do autor da "Escrava Isaura" nos exames de literatura. Lá de vez em quando um crítico também faz o mesmo para citar as fontes da nossa mania nacionalista. Foi um dos iniciadores do romance brasileiro. Coisa mais sem sentido. Precursor, é quem, mesmo sem querer, abre uma picada, a picada vai e se afunda no matto, vai se alargando, vira estrada aproveitável. O fato de se voltar ao mesmo ponto de partida significa até reação. Continuar o caminho andado é que é ser discípulo. — Ora quem é que continua hoje Bernardo Guimarães?

E mais abaixo: "Embora os compêndios de literatura tenham em dependurar na peça Bernardo Guimarães a etiqueta de colorista notável, descriptivo admirável, iniciador da novela sertaneja mais tarde aprimorada por Alencar Arinos, Bernardo é coisa morta e liquidada literariamente".

Quando se lê na pag. 117 do livro: "E isso mesmo, O brasileiro cita demais Castro Alves, e de Castro Alves hoje só os cigarros", naturalmente porque existiam há dez anos cigarros com o nome do balaão, quando Antonio de Alcântara Machado diz de Joaquim Freire, pag. 211: "mau filho, mau frade e mau poeta" (não era tanto assim...); quando, a propósito do centenário do romantismo, o nosso Antonio se entusiasma por um soneto dos românticos, de comecar pela "nunca assia gozada de-

mingos José Gonçalves de Magalhães" (pag. 308), para citar: "Porto-Alegre, Teixeira e Sousa, Otaviano, Macedo, Bernardo Guimarães, Junqueira Freire, Rabelo e Castro Alves (para não citar mais e citar os grandes só) contribuíram também para a coleção"; quando afinal a pag. 311 se depara com uma afirmação assim (notem principalmente o parentese): "Através do parnasianismo e do romantismo (o movimento simbolista entre nós foi nulo) a gente não encontra uma corrente ininterrupta e mesmo fragmentada a que se possa filiar a Ánsia moderna"... logo que se percebe que ali está estampada, naquela valiosa coleção de artigos e ensaios lançada dia a dia na imprensa, um pecado que foi de toda aquela "geração revoltada", que podia ter por slogan: "Coragem de atirar destruição", da pag. 326... Sob esse aspecto, havia muito que citar no livro ainda. E compreende-se, na seriedade do professor Basílio de Magalhães, aquele golpe inesperado de ironia para com o "lão matraqueado modernismo"... em 1926.

Ainda agora, a geração, já menos revoltada, sofre a reação dos continuadores do passado. Mas na verdade houve acomodamentos, aceitações, já notados pelo Alencar no seu livro, e pode-se esperar que um novo após-querer derraque os revolucionários de ontem e de hoje. Esses revolucionários, ou quando menos os entusiastas da língua brasileira, deviam ter enxergado, como em Alencar, um precursor em Bernardo, de quem diz Basílio de Magalhães, pag. 143: "Creio que ele não ignorava os mandamentos do idioma pátrio, pois sabia e ensinava latim, fonte do português. Suponho, portanto, que limbrava em escrever sem acatamento a normas da topomínia gramatical e outras, ou afim de concorrer dessa arte para a formação do dialeto brasileiro (tão malnada pela formidável pena de Ruy Barboza), ou, então, o que é mais provável, para ser mais facilmente lido e compreendido".

E que é que tem a situação atual ou a que virá, com Bernardo Guimarães? Quase nada. Continua a não ser lido pelas elites que fazem os movimentos literários. Mas a ser lido... Monteiro Lobato nem de leve se compree com a existência

de "Illa Maldita", do velho Bernardo, na biblioteca ambulante da cidade morta. Talvez porque os seus companheiros eram um livro de Paulo de Kock e outro, incompleto, de Funari do Terral... Posso atestar a existência de muitos outros exemplares de suas obras, encadernadas e desmanteladas, pelo interior de Minas. Sobre tudo, o romancista. As vezes, o poeta pitoresco (A Orquídea das Duendes, etc.) E também, às vezes, o vate fecundo (O Elixir do Págo, etc.). Mas sobretudo o romancista, — que provoca o interesse pela minha pessoa, nas minhas viagens pelo interior. Quando explico aos seus velhos admiradores que não sou um descendente do romancista, nem filho, nem neto, mas sobrinho bisneto, ficam sempre um pouco decepcionados. Ainda em novembro de 1942, na cidade mineira de Patrocinio, escrevi do crime, José Eloy dos Santos, lembrou que eu não tivesse aparecido por lá dois anos antes, porque encontraria ainda a casa da Quilinhã, onde Bernardo Guimarães passara oito dias, ou oito noites, na sua viagem para o Juizado municipal de Catalão, em Goiás, em 1853 ou 1855. Homem de 60 anos, José Eloy não se lembra disso; mas se lembra de que o tabelião Quilinhã Pedro e o contador José Marçal, este chefe da Corporação Musical Santa Crella, já falecidos, costumavam recordar a estada de Bernardo, recordando passagens de O Garimpeiro, romance documentado nas datas diamantíferas que se estendem dali para Comandante, Monte Carmelo, Bogagem (hoje Estrela do Sul), até Catalão... Que romance!

Isso contrasta com a opinião dos entendidos, que acobitam mais o poeta de verdade, a começar pelo Ronald na "Pequena História": "Poeta, antes de tudo"... até Manuel Bandeira, em "Noções de História da Literatura", pag. 300: "neste entretanto o poeta é superior ao romancista". Na sua "Antologia dos Poetas Brasileiros da fase romântica", Manuel Bandeira incluiu sete poemas de Bernardo, inclusive O Desvanecer de um céptico, e um dos poemas mais importantes do romantismo.



Retrato a óleo de Bernardo Guimarães, da autoria do pintor italiano Punetti

# ALGUMAS PAGINAS DE

**I**  
A uma légua, pouco mais ou menos da antiga vila de Fátima, na provincia de Minas Gerais, e a pouca distancia da estrada que vai para a vizinha vila da Formiga, via-se, ha de haver sessenta annos, uma pequena e pobre casa, mas a va, humilha e assediada. Uma porta e duas janelinhas formavam toda a sua frente; a um lado, por baixo de uma figueira silvestre, que a sombriava toda com sua vasta e copada ramagem, via-se uma outra janelinha encimada de bilandras de madeira.

Estava esta casinha situada em baixo de uma colina de grão suave, nos pés da qual se dobrava, delicioso varrêdo coberto de rasteiro e vicoso capim, e sombreado aqui e acolá por algumas palmeiras e succupias.

O varrêdo era terminado por uma estreita rua, por baixo de cujas montas deparadas um corrego escondia seu curso sereno e preguiçoso.

Um estreito caminho, partindo da porta da casa, cortava o varrêdo e ia atravessar o capim e o corrego por uma pontilhada de madeira, fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. Junto a ponte de um lado e outro do caminho via-se, a suas beiras, e correntes palmeiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma linda arçada de verdura, que dava entrada para além da ponte a um extenso campo coberto de succentia e vistosa pastagem.

La no fundo da valada, onde ia morrer o riacho, entre duas linhas de espigões, desenhavam-se ao longe em fundo luminoso e pitoresco as cascas, os currais e os tufados pomares de uma linda fazenda.

O viandante, que por ali passasse, lá cerca de sessenta annos, havia de notar com interesse duas lindas e facelras africanas, que ali vinham quasi sempre divertir-se e travessar junto da ponte a sombra das palmeiras.

Em um rapazinho de doze a treze annos e uma menina, que parecia ser mais nova do que ele um dois ou três annos.

A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbeto e flexivel como o pendão da Imbauba.

O rapaz era alvo, de cabelos castanhos, de olhar melgo e placido e em toda a sua fisionomia, como em todo o seu ser, transuziam indícios de uma índole pacata, doce e branda.

Era por uma bella tarde de janeiro. Os dois meninos, como de costume, achavam-se a sombra das palmeiras. A menina sentada sobre a relva, despenhava um molho de flores silvestres de que estava fabricando um ramalhete, enquanto seu companheiro, atiracando-e como um macaco aos galhos das palmeiras, balançava-se no ar, fazia mil passes e piruetas para divertir-la.

Perto deles, espalhadas no varrêdo, umas três ou quatro vacas e mais algumas rezes estavam tostando tranquilamente o fresco e vicoso capim da valada.

O sol, que já não se via no céu, tocava apenas com uma luz de ouro os topos abutidos dos altos espigões uma aragem quasi imperceptivel mal rumorava pelas abas do capim e esvoaçava por aquelas balxadas cheias de sombra e fresquidão.

— Vamos, Eugénio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outro banda.

Dizendo isto, a menina levantava-se da relva, e, a tirando para trás dos ombros os negros e compridos cabelos, sacudia do regaço uma nuvem de flores despendeadas.

— Pois vamos lá com isso, Margarida, exclamou Eugénio vindo ao chão de um salto, e ambos foram ajuntar as poucas

vacas, que ali andavam pastando.

Aírel com mil diabos!... que bozerrada infatigavel exclamou o rapaz lançando os bezerros. Por que e que estes bezerros na tia Umbelina andava sempre a tal e tal magra?

— Ora! pois o que é que você quer? matine tira quase todo o leite das vacas, e deixa um pitinhinho só para os bezerros beberem. Por isso mesmo quase nenhuma cria aqui pode virar, e a Umbelina que escapa namora vinda de longe.

E por que é que ela não te dá uma bozerrada? Aquella verde linha estava bem bonita para você...

— Quer... não vê que ela me dá... e eu que tenho tanta vontade de ter também a minha vaquinha! Há que tempo Dindinha prometeu de me dar uma bezerza e até hoje estou esperando...

— Maná!... ora!... é porque ela se esqueceu... deixa estar, que eu hei de falar com ella... mas não, eu mesmo e que hei de te dar uma novinha plantada, muito bonitinha que tu tens. Assim, como assim, eu tenho de me ir embora mesmo, que quero eu fazer com ellah?

— Como é isso?... exclamou Margarida com surpresa. Pois você vai-me embolar!

— Vou, Margarida; pois você ainda não sabia?

— En não; quem me havia de contar, para onde e que você vai, então?

— Vou para o estudo, Margarida; papai e mais manias querem que eu vá estudar para padre.

Deveras, Eugénio!... ah! meu Deus!... que ideal!... e muito a que está estudando?

— Eu sei lá; eles estão falando que eu vou para Congonhas.

— Congonhas!... ah! já ouvi falar nessa terra; mas é onde moram os padres, não é?

— Ah! meu Deus! isso é muito longe!

— Qual longe!... tanta gente já tem ido lá e vem outra vez. Maná lá mundo fazer batina, sobrepeliz e barrete e tudo. Quando tudo ficar pronto, eu hei de vir eu vestido do padre para você ver que tal ficou.

— Tomara eu ver já!... você há de ficar um padrezinho bem bonitinho!

— E quando eu for padre, você há de ir por fora ouvir a minha primeira missa, não ha de, Margarida?

— Se hei del... e também mais uma coisa, que eu hei de fazer... advinha o que é...

— O que é?... fale.

— Maná! costuma dizer que eu já estou ficando grande, e que daqui a um ano bem posso me confessar, e para isso anda me ensinando doutrina; mas eu não tenho ânimo de me confessar a padre nenhum... Deus me livre! tenho um medo... uma vergonha!... mas com você e outro caso, estou pronta, e por isso não quero me confessar enquanto você não for padre...

— Está dito, Margarida; prometo que há de ser você a primeira pessoa que eu hei de confessar; antes disso não confessei a pessoa nenhuma, nenhuma desta vida; eu te juro, Margarida.

— Muito bem! muito bem! está dito. Agora me conta, Eugénio; quando é que você vai se embora?

— É já o mês que vem...

— Ah! meu Deus! pois já tão depressa! e você não ha de ficar com saudade de mim?...

— Se ficou... muita, muita saudade, Margarida! quando penso nisso fico tão triste, que me dá vontade de chorar.

— E eu, pobre de mim!... como vou ficar tão sozinho! com quem é que eu hei de brincar daqui em diante?... não sei como há de ser, meu Deus!...

Os dois meninos pararam e com a fronte pendida para o chão guardaram silêncio por alguns instantes; aquellas duas

frontes tão puras, então ha pouco tão radiantes de prazer e de inocência, pela primeira vez se annuviaram de uma pequena sombra de tristeza.

Era um primeiro e tenue vapor, que mil lizes cobria e sereno tinger da altura da vizinhança; mas esse leve vapor bem poderia converter-se em simbioza e correntes auctas piume de desgraças.

Eram quasi nubladas. A sombra do crepusculo lá de manso debruçava as plenas devesas silenciosas. A lúida claridade funda e solene nublava o visar e o debul murello das aguas do ribeiro escorrendo por sob a grama e a sombra do boia da verde, enjugando a alba, pousando na mata alta grampa da pameira, molhando ao longe os ees do seu costume mmo preguiçosamente cacienciado, como que patesse estar acenando a natureza prestes a adormecer dobrada das propicias e sonolentas asas da noite.

Os meninos, quados e taciturnos, olhavam em derredor de si em tristeza. Pela primeira vez algumas saudosas, annuadas de um leve toque de melancolia, pairavam sobre aquellas fronte infantis. Dir-se-ia que naquelles vagos rumores da solidão ao despedir-se do dia estavam ouvindo o derradeiro adeus do genio prazenteiro da meninice, e que no aucto claro recuo que alogueava ainda a orla extrema do occidente, entreviam o ultimo sorriso da auctora da existência.

Foi Margarida quem interrompeu aquelle triste silencio.

— Meu Deus! exclamou ella, o que estamos aqui fazendo enbascados? há que tempo o sol já entrou, Eugénio! está ficando muito tarde. Vamos... vamos... toca as vacas.

E quebrando um ramelho, a menina pousa a tocar as vacas.

— Ah! Dourada!... eu! Marnaval!... Duquara!... eu!...

Eugénio correu a abrir a pequena tronqueira das vacas, que ficava aem da ponte. A partada dos bezerros e passadas as vacas, Eugénio tornou a fechá-la, e passando um braço sobre o ombro de Margarida, e esta enlaçando com o seu a cintura do companheiro, foram voltando calados e ainda de baixo da mesma impressão de tristeza, tangendo diante de si os bezerros até a casa de Umbelina, que ficava ali a uns quinhentos passos de distancia.

Tendo prendido os bezerros em um pequeno curral, Margarida recolheu-se a sua casa, e Eugénio, entrando o caminho por onde viera, ganhou de novo a pontezinha e a tronqueira, e deixou-se a correr pelo riacho a fora, dirigindo-se para casa de seus pais, que era a fazenda de que já falamos, e que ficava como a meia légua de distancia.

## XXIII

O padre Eugénio entrou em casa com o cerebro a arder, e com o coração acollado das mais violentas agitacões. De coração mole e extremamente impressionavel, não tinha força para lutar contra a tempestade medonha que dentro dele se suscitava.

Como piloto fraco e inexperto que se perturba e desorienta em presença do perigo, arrependia-se mil vezes ter tomado o limbo, tão superior ás suas forças, de uma nau pujante destinada a afrontar mares tão tormentosos. A tonsura sacerdotai era uma coroa de espinhos, que se lhe irritava no crânio, e lhe arrancava brandidos de desespero.

Exasperava-se contra a mentira de que seu pai, de curto de conveniência com os padres de Congonhas, se havia prevelido do par: determinava-lo a tomar ordens.

Para que semelhante embuste, meu Deus murmurava

congo. Que idela infernal de mentirar o destino de duas pessoas por meio de uma mentira!... Se não fosse tal mentira, se me contasse, como era verdade, que Margarida fies ao seu amor se finava de saudades por mim, de certo eu nunca teria tomado esta veste sagrada, que hoje me queima as carnes como a tunica de Nessos. A impressão de um sonho, de um sermão, se teria evaetado como fumaça, como tantas outras que não pueram demarrar de meu coração uma palavra, que eu não nascesse, e que com elle... desgraçado de mim!... sem mil vezes desgraçado!... que com elle tera de morrer... Margarida!... pobre Margarida!... tens tanto de boa, pura e leal, como de formoso, e tanto de formosa, como de infeliz!... nem nos mais exaltados sonhos de fantasia, eu fazia idela justa do tesouro que eu louco troquei por uma coroa de martirio, que não tenho força para suportar!... meu Deus, eu enoidego!... Margarida!... meu Deus!... meu Deus!... meu Deus!

Eugénio estorcia-se em febril agitação, e quase delirava. A paixão que julgava já não ser mais que uma triste recordação, uma dolorosa desilusão do passado, não se tinha extinguido de baixo das vestes sagradas do sacerdote. Era essa paixão como o arbusto, que a geada despoja das folhas, e mirroulha os galhos, e parece estar morto para sempre, entanto que o tronco e a raiz, cheios de seiva e vitalidade estão prontos a germinar com novo vigor e galhar-lia ao primeiro bafejo da primavera.

Os annos era como fogueira, cujas chamas uma chuva glacial havia apagado, ficando intactos todos os materiais, que já secos e quase enleados, esperam apenas o contacto de uma centelha para de novo se inflamarem com fúria irresistivel. A vista de Margarida resplandecente de beleza e das mais voluptuosas encantos do corpo, a certeza de sua fidelidade, aquelle ligeiro roçar de lábios, filtro fatal, que lhe coua nas veias o delicioso veneno da voluptuosidade, foram centelhas vivas, que em um momento puseram em horivel conflagração a paixão, que há tanto tempo adormecida apparecia estar morta no pelo do mancebo. Uma nova tormenta, mais pavorosa que as precedentes, ameaçava fazer sobsober a virtude do jovem conubita, levando de roço o fragil fidejo a tanto custo erguido pelo ascetismo na solidão do claustro.

Não era já um reflexo da pura afeição da infancia, desse sereno amanhecer do amor envolto nos veus calidos da inocência. Não era também a paixão juvenil com seus recordações saudosas, com seus sonhos dourados e ardentes aspirações de felicidade. Era tudo isso, e mais alguma coisa ainda.

Eram os instintos sensuais longo tempo sopitados, que em uma organização vivaz e vigorosa despertavam com imperio irresistivel. Era uma sede voraz de gozos e volúpias, era uma febre, era um delirio. O demônio da luxuria acendia sua chamas do inferno seu facho furibundo, e com elle se aprazia em requeimar o sangue do misero sacerdote.

Entrando em casa Eugénio não quis ver pessoa alguma a fim de esconder a perturbação que o agitava, e como a noite já ia avançada, recolheu-se sozinho ao seu aposento.

A noite passou-a entregue ás mais horribes tribulações. Ora rezando com fervor, pedia ao céu forças para afrontar o embate do terrivel tentaculo que a sua tava, ora desalentado entregando-se ao delirio da paixão, chorava, rugia, blasfemava.

No dia seguinte perguntava-lhe seu pai quem era, e como ia a pessoa a quem tinha ido

confessar, respondeu lamenteavelmente.

— É uma rapariga que não conheço... não está em casa... A molestia da paixão me mais elima do que outra coisa.

Como seus pais recusavam e coneciam-se a se inquietar com a pallidez e extrema emagrecimento, em que a filha, para subtrahir-se a seus olhos e perguntas, apenas deixava de abster mal e rapidez, ella a pretexto de que não se sentia humilde e vir a suas pessoas conhecidas.

— O padre está muito mudado, disse a filha a mãe, não a sou mais, logo se fagão se retirar. Mas não alguma coisa que não se ouzizer... queira Deus!

— Queira Deus o que quizer...

— A serpente, subastou a serpente!

Ora, senhor!... de que dessas aburções... pois um homem, um padre... um sacerdote!... nem sempre a gente é criança.

— Queira Deus!... não Deel! murmurou a filha, pensando-se ca mesa e a mesa.

O padre durante a noite, não fite firme propoz de não voltar mais a casa de Margarida, apesar de prometter, se havia feio. Antes fallar uma simples promessa, do que expor-se ao perigo de quebrar um voto, e perder sua alma. Portanto, ao sair da casa, a filha se para o lado direito do burro, em que ella montava. No fim de contos porre, depois de ter percorrido muitos dias e parado em muitas casas, base se por uma fatal casualidade, ou porque o coração estava sem que elle o sentisse, e a astantando, achou-se nas vizinhanças da habitação, de que fugia.

Ao avista-lhe o coração aucto

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que

— Ah! Margarida!... que





Quatro retrato de Bernardo Guimarães. O escritor, quando em sua plenitude

## COMBATE COM OS CHAVANTES

Nas margens do grande rio Tocantins, que banha o norte da província de Goiás, e reunido ao Araguaia, fui com que dei o meu ao rei dos rios para entrar de par com ele no Atlântico, habito uma nação indígena das mais ferozes e indomáveis que se conhecem, ainda que também uma das mais valentes e industriais. É a nação dos Chavantes, que dominava uma larga zona em ambas as margens daquele rio, cuja natação tornava extremamente difícil e perigosa para os europeus. Sobretudo na época a que nos reportamos, o seu nome era o terror dos habitantes de Goiás; ninguém ousava penetrar naquelas serras desconhecidas, infestadas por essa e outras tribos selvagens, que muitas vezes saíam do fundo de suas brechas a exercerem horrores matanças, estragos e depredações nos estabelecimentos e fazendas dos brancos. Algumas dessas expedições, que se organizavam com o nome de bandeiras para rechaçar ou exterminar os selvagens revoltados e desobedientes, sem nada ter conseguido. Menos de dez, que os Campos e os Coroados, que só se iam submetendo ao alardeamento e calqueio, os Chavantes, mais conhecidos os brancos, com quem não queriam relações alguma e que caçavam do fundo da alma.

Quatro ou cinco anos depois dos tristes acontecimentos que deixei narrados a noite passada, uma numerosa tribo daquela nação aborígene estabelecida no barranco esquerdo do rio, algumas decenas de léguas abaixo do S. João do Tocantins, pouco mais ou menos nas regiões onde é hoje o município da Palma. Seu arraigamento era uma longa fila de "tabas" ou cabanas coladas de palmas de cecurira, disseminadas em pilóculos desordenados, ao longo da margem do rio, em uma extensão de cerca de meia légua, como um bando de aves aquáticas postadas à beira da torrente.

Era uma bela e calma noite de setembro. O índio naturalmente preguiçoso, porque para prover as necessidades da vida simples que leva, em meio dos desertos, não precisa deregar a terra, com seu suor desde o nascer até o por do sol, nessas horas de calma íntima, sobretudo, entretinha-se à sua natural indolência, e dormia ou se divertia. Uma turba de meninos de ambos os sexos, entre alegres e apáticos, patinava na água, à beira do rio, adentrando-se na areia de notar, tão necessária ao selvagem. As mulheres, espostadas em diversos grupos, à sombra da varigela ou da copala secular, umas ocupavam-se suas crianças, outras teciam, por passatempo, estirando, redas ou cabazes de cipó ou de palhas de coqueiro; outras, deitadas em suas redes delicadamente tecidas de fios de lúmen e enfeitadas de penas, embolavam-se indolentemente, olhando da nuvem a passarem pelo céu, ou as águas do rio a correr silenciosas. Os poucos homens que nessa ocasião ali se achavam, pois estavam pela maior parte dispersos pelas matas, ao longo da margem do rio, ocupados em caçadas e pescarias, uns assavam peixe, ou moqueavam um lagarto, um tatu ou uma paca em fogueiras acendidas fora das tabas; outros convertiam suas armas, ou falharas arcos e flechas, e as aparelhavam de distintas penas; um outro, deitado de costas no chão, e estirando o arco com os pés, se divertia em mandar as nuvens uma flecha e vê-la voltar e cravar-se no mesmo lugar donde partira; outros, enfim, nada absolutamente querendo fazer, dormiam a sós, ou detinham passar o tempo. De repente, ouviu-se de uma das extremidades do arraial dos índios uma gritaria intensa, que se foi propagando e elevando por toda a aldeia. Os meninos saltaram ligeiramente fora da água e correram a se amontoar nas tabas, as mulheres largaram suas ocupações e estavam espantadas para todos os lados; os homens levantaram-se rapidamente, com as armas na mão e acudiram ao ponto onde começara o alarde. A causa daquele grande alarde e clamor era um homem de aspecto estranho, que, sozinho, em uma canoa, vinha navegando rio abaixo.

A figura e os traços já estorpidos desse homem causaram grande estranheza e espanto aos selvagens. Tratava um grande gíbio de lá grossa apertado com um cinturão de couro de lontra, ao qual se prendia uma comprida faixa com rabo e bainha guarnecida de prata, calças de algodão e perneiras de couro de matoeiro; trazia a barba mal comprida e sobre os cabelos pretos e anelados, um pequeno chapéu de sola. Posto que sua tez, naturalmente morena, estivesse tingida ainda pelo sol, e viasse armado de arco e flechas, os selvagens apenas o analisaram, criticaram: — Imboaba! Imboaba! — e esta palavra odiosa, pas-

sando de boca em boca, em uma imensa vozaria, repercutiu como um eco pelas ribanceiras do Tocantins.

O aventureiro ouviu toda aquela algazarra e logo compreendeu o imminente perigo que o ameaçava; porém, já lhe não era possível recuar, e continuou a vogar, procurando arizinhá-lo e o mais possível do barranco oposto às habitações dos índios, esperando assim poder escapar a sua sanha e passar incólume. Mas a largura do rio não era suficiente para pô-lo a salvo de suas flechadas, e apenas achou-se em frente da aldeia, uma nuvem de flechas roou asobriamente no fundo da canoa e amparando-se com o seu largo remo, nem de leve foi tocado, antes achou-se provido de grande quantidade de flechas, da que tinha precisão, e que lhe iam ser de grande utilidade. Recusou logo uma, e varou um cão, que ladra na praia; uma segunda cravou-se no braço de um indígena; uma terceira levou a orelha de outro. E o afolto estrangeiro, enfiado no fundo da canoa e fazendo escudo da larga pá do remo, ia deslizando adiante e salvo, pela torrente abaixo e fazendo estragos na linha dos inimigos com as armas que estes mesmos lhe forneciam. Felizmente para ele, não tinham os selvagens ali a mão, naquele momento, uma canoa sequer. Mais algumas flechadas felizes do arco do infeliz canoeiro caíram sobre os índios e acabaram de os pôr em fúria. Vendo que com as flechas não era possível ofender o imboaba, lançaram-se alguns ao rio, armados de facopes e dispostos a ir a nado atacar a canoa. Fácil seria ao canoeiro escapar à força de remo, se a multidão de flechas, que continham a chover sobre a canoa, não o impedisse de remar, dando-lhe apenas tempo de resguardar-se de suas fúrias e descochar de quando em quando uma ou outra flecha.

Já dois robustos nadadores, com o tacaço nos dentes, estavam a poucas braças da canoa; um deles, enfim, a alcança e lança a mão à borda. O canoeiro, porém, a corta imediatamente de um só golpe, com sua grande faca de mato. O índio, dando um grito horrível de dor, desaparece, deixando um ralo ensanguentado à flor da água, e surge instantaneamente mais adiante, rolando à mercê da corrente, enquanto os peixes, saltitando, disputam entre si a mão decepada. O outro índio, vendo a sorte de seu companheiro, não se atreveu a atacar a canoa e afastou-se; os mais, que se tinham lançado ao rio, também não ousaram aproximar-se, temendo o mortífero gume daquela formidável faca. O forasteiro, por um momento, julgou-se salvo e fora de perigo. Mas eis que de súbito vêm os olhos em duas canoas entulhadas de índios, que surgiam da volta do rio, singrando águas acima, a todo remo.

Era uma turba de indígenas, que estando a pescar pelas proximidades, tinham ouvido o alarde que havia nas tabas e, julgando ser algum perigo, acudiam em seu socorro. O canoeiro viu que a sua situação era desesperada e sua morte inevitável, e que seu único recurso era morrer como homem, combatendo até o último alento.

A força de audácia e de esforços desesperados, conseguiu encostar a canoa ao barranco oposto; lançou a pressa todas as suas armas, saltou em terra e embuchou-se pelo mato, não para escapar dos selvagens, pois sabia que seria uma tentativa inútil, mas para escolher um lugar onde pudesse defender-se por mais tempo e vender mais cara a sua vida. O índio, em número sempre crescente, saltavam na água e ultrapassavam o rio; os das canoas também se aproximavam rapidamente. O forasteiro bem compreendeu que qualquer resistência seria inútil, mas não era homem a deixar-se capturar como uma ovelha, e preparou-se para combater até o último transe. Depois de ter-se encurtado cerca de uns duzentos passos por um mato espesso e emaranhado, abriu caminho com a faca por entre taguaretas e cipós, escolheu posição para fazer frente aos inimigos junto a um corpulento tronco de peroba, que lhe oferecia formidável barreira. Por detrás desse tronco estendendo-se um espesso e impenetrável tabocal, que lhe protegia a retaguarda.

Ali, encostou todo o seu arsenal de armas, que consistia em um arco com algumas flechas, uma grande faca, uma foice pequena, uma pistola de dois canos e uma espingarda carregada com os últimos cartuchos que lhe restavam, e que de propósito reservara para ocasiões difíceis. Ali resolveu-se a resistir até as últimas, aos seus selvagens agressores.

Estes, seguindo a batida que o estrangeiro ia fazendo com sua pequena foice, em breve chegaram a descobri-lo e logo travou-se entre eles o combate mais feroz e desigual que se pode conceber. As flechas dos índios iam-se cravar no tronco, por trás do qual o imboaba se abrigava, ou enfiavam-se pelo tabocal, onde se praticava em um mato cerrado e atravancado de taguaretas e cipós, os selvagens iam caindo também um a um, aos milhares certos do aventureiro, que não perdia uma só flecha, nem um só tiro; aquele em quem fazia a mira cada infelizmente, ou morto ou gravemente ferido. Os selvagens, cujo número ao instante a instante se aumentava, atravancaram-se furiosos por a foice por trás do qual se defendia aquele homem terrível com a coragem do desespero; porém, na confusão com que se precipitavam, caíam uns sobre os outros, embaraçados na multidão de cipós e matos emaranhados que obstruíam aquele lugar.

Mais de um cão aos pés do infeliz imboaba, e um bem atrado golpe de foice, o recuou fúndamente do dor, com a mão decepada ou com o crânio esboalhado. Parecia que o estrangeiro ia morrer optimista debaixo de tantos cadáveres, que ele mesmo amontava em torno de si.

Nada mais terrível do que a onça, quando, sendo mal atrada, se precipita obaio do tronco em que é acuada pelos cães; assenta-se sobre os quadris, resmunda e apresentando as aguias e monstruosas presas, e a cada bote que dá com as formidáveis patas, albeaba e emana um cão, e em poucos instantes se vê rodeado de um lustro de cadáveres. Pois assim estava aquele sândalo aventureiro, ofendido e derribando a praxe do imprudentes selvagens que ousavam enfiar-se-lhe. Estes, já transidos de terror supersticioso, pensando que não combatiam contra um homem, mas contra algum espírito ou ente sobrenatural, sentiam folecer-lhes a coragem e começavam a recuar espavoridos diante de tão desconhecido denodo e valentia.

Um deles, porém, que parecia comandar nos outros, com um grito, fez recuar todos aqueles combatentes estorpidos e ingrávidos, e seguiu somente de um companheiro, avançou resolutamente para o tronco.

O estrangeiro já tinha desentregado todas as suas armas de fogo e despendido todas as suas flechas. Este último combate, portanto, foi dado corpo a corpo, sobre cadáveres e em um lamacal de sangue. Ainda que extremamente fatigado e tendo recebido de golpes, o forasteiro ainda deu que fazer a seus adversários. Um golpe de tacaço descarregado sobre o nuca o fez titubear; outro imediatamente foi desferido, e clancou, pois que era ele, caiu sobre um lago do sangue por ele mesmo derramado.

(O fim do Muquem).

## A figura de

Era nos primeiros anos do reinado do ar. D. Pedro II. No fértil e opulento município de Campos de Jolmu, na margem do Paraíba, a uma distância da vila de Campos, havia uma linda e magnífica fazenda.

Era um edifício de harmoniosas proporções, vasto e lúxuo, situado em aprazível variação, no sopé de elevadas colinas cobertas de mata, em parte devastadas pelo machado, do lavrador, Longe, um deturbar a natureza ostentava-se ainda em toda a sua primitiva e selvática rudeza; mas por certo, tinha convertido a bronca selva que cobria o solo em jardins e pomares deliciosos, em vastos gramados e plúgias pastagens, sombreando aqui e ali por ameijeiras gigantescas, perobas, cedros e copalbas, que atestavam o vigor da antiga floresta. Quase não se via o muro, cerca, nem valado; jardim, hortas, pomar, pastagens e plantas circunvizinhas eram divididos por rixotas e verdadeiras sebes de bambus, pitetras, espinheiros e graxais, que davam ao todo o aspecto de uma mais aprazível e deliciosa verjei.

A casa apresentava a frente às colinas. Entrava-se nela por um lindo alpendre todo enfeitado de flores trepadeiras, no qual se subia por uma escada de cantaria de seis a sete degraus. Os fundos eram ocupados por outros edifícios acessórios, salas, pátios, currais e celeiros, por trás dos quais se estendia o jardim, a horta e um terreno pomar que ia pertencendo ao barranco do grande rio.

Era uma linda e calhosa tarde de Outubro. O sol não via ainda posto e parecia boia no horizonte, suspenso sobre as de espuma de cores combinadas, orladas de feiras de ouro. A viragem, saturada de bárbidos e efusões, se espreguiçava ao longo das ribanceiras, acordando apenas frôcos rumores pela copa das amoreiras e jarraes farfalhar de leve o tope das coqueiros, que se moviam turbados nas lúcias e tranqüilas águas da ribeira.

Corta um belo tempo; a vegetação, reanimada por moderadas chuvas, ostentava-se fresca, rigosa e luxuriante; a água do rio, ainda não turpada pelas grandes enchentes, rodeado com majestosa lentidão, refletia em toda a pureza os esplendores coloridos do horizonte e o nítido verde das selvas das ribanceiras. As aves, tendo repouso das asas fatigadas do contínuo voar pelas pomares, prados e baldes pinhais, começaram a preludir seus cantos respectivos.

O clarão do sol poente por tal sorte abraçava as montanhas do edifício, que este parecia estar sendo devorado pelas chamas de um incêndio silencioso. Entretanto, quem não notava, quer em derredor, reinava por do silêncio e perfeita harmonia. Bola trucidantes e verdades novilhas, deitadas pelo mau, rumiavam tranqüilamente a sombra de altas frondeiras. As aves domésticas, agrupadas em torno da casa, batucavam as orelhas e mugiam apertadas, e que vinham por si mesmas, procurando os currais mais sombrios, nem se davam conta de que ali não se achava ninguém. Somente as viduças, repagadas de um grande rogo de frente a os botões da porta da entrada, abertos de uma em par, denunciavam que a todas os habitantes daquela summa propriedade se achavam ausentes.

A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza, via-se distintamente o harpo de um plano casado-se a uma por de mulher, nos matagais, suare, opulenta e do fimbo e mais puro e fresco que M. pô de imaginar.

Posto que um tanto abafado,

Isaura - romance

e canto tinha uma vibração sonora, ampla e volumosa, que revelava excelente e vigorosa organização vocal. O tom variado e melancólico das cantigas parecia gemido suspirado de uma alma solitária e sofredora.

Era essa a única voz que quebrava o silêncio da noite e tranquilizava a vida. Por fora tudo parecia escutar-se em mistério e profundo recolhimento.

As copias que cantava diziam assim:

Deus do berço respirando  
Os ares da escravidão,  
Como semente lançada  
Em terra de maldição;  
A vida passo chorando  
Minha triste condição.

Os meus braços estão presos,  
A ninguém posso abraçar.  
Nem meus lábios, nem meus  
[olhos]  
Não podem de amor falar;  
Deu-me Deus um coração  
Somente para penar.

Do ar livre das campinas  
Seu perfume exala a flor,  
Canta a aura em liberdade  
Do bosque a alado cantor;  
Só para a pobre cativa  
Não há canções, nem amor.

Calaf-te, pobre colmeia,  
Teus quatrinhos crímenes são,  
É uma afronta esse canto,  
Que exprime tua aflição;  
A vida não te pertence,  
Não é teu teu coração.

As notas sentidas e murmuradas  
daquela cantar, escapando pelas  
janelas abertas e ecoando ao longe  
e em derredor, dão vontade de conhecer a senhora  
que tão lindamente canta. Se  
não é senhora, somente um anjo  
pode cantar assim.

Subimos as degraus que conduzem  
ao apartamento, todo enfeitado  
de velozes flores e lindas flores,  
que se erguem do edifício. Extremos  
sem contornos. Logo à direita  
do corredor encontramos aberta  
uma larga porta que dá entrada  
à sala de recepção, vasta  
e luxuosamente mobiliada.

Achei-me ali sosinha e sentada  
ao piano uma bela e nobre figura  
de moça. As linhas do perfil  
desenhavam-se distintamente  
entre o branco da roupa de piano  
e as belas madeiras ainda  
mais negras do que ele. São tão  
puras e suaves essas linhas que  
jaçavam os olhos, enlevavam a  
mente e paralisavam toda análise.

A tez é como o marfim do  
faciões, alva que não deslumbra,  
embuçada por uma nuvem  
delicada, que não sobressai  
dizer se é leve pulcra ou cor  
de rosa desmaiada. O colo, do-  
roso e do mais puro laço, sus-  
tenta com graça inflexível o busto  
maravilhoso. Os cabelos,  
mollos e fortemente ondulados,  
se despenham caracolando pelos  
ombros em espessos e lucidos  
rulos e como franjas negras es-  
condiam quase completamente  
o dorso da cabeça a que se a-  
chava recostada. Na fronte,  
calma e lisa como mármore  
polido, a luz do cabelo esboçava  
um róseo e suave reflexo; di-  
latais misteriosa lâmpada de a-  
lamberto guardando no seu dia-  
fano o fogo celeste da inspira-  
ção. Tinha a face voltada para  
as janelas e o olhar vago  
passava-lhe pelo espaço.

Os encantos da gentil can-  
tora eram ainda realçados pela  
simplicidade, e adivinhamos quase  
por breza do modesto trajeto. Um  
vestido de chita ordinária, azul  
claro, desenhava-lhe perfeitamente,  
com encantadora simplicidade,  
o porte esbelta e a cintura  
delicada e desdobrando-se  
em roda em amplas on-  
dulações, parecia uma nuvem  
do céu da qual se erguia a can-  
tura, como Vênus nascendo da  
espuma do mar, ou como um  
anjo surgindo de entre brumas  
vaporosas.

(A Escrava Isaura — pg. 3-6)

## A "ESCRAVA ISaura" UM PANFLETO POLÍTICO

Acha pronomel Basílio de Magalhães ("Bernardo Guimarães", Anuário do Brasil, 1928), que, sacorendo "A Escrava Isaura", tivesse Bernardo Guimarães pensado em fazer uma arma de combate em prol da abolição definitiva da escravidão.

O mestre — tão lúcido e tão erudito — foi, mas uma vítima de suas mesmas virtudes, avaliando provavelmente onde podia chegar à certeza, e isso se explica pela sua sólida formação de historiador, que lhe não permite afirmar sendo em vistas de documentos irrefragáveis.

A mim, todavia, "A Escrava Isaura" se me afigura um documento dessa força.

Mas do que um romance, com todas as deformações das correntes literárias que o nosso Bernardo se filiava e com os defeitos de composição que o tempo justifica, a obra oferece todos os elementos de um panfleto político.

Em primeiro lugar, a época.

Publicou-a Bernardo em 1875, o que quer dizer que a acabou três ou quatro anos depois da lei do ventre-livre, promulgada em 1871. Seria, porém, posterior a essa lei?

A tese, que desenvolve, baseada no princípio legal partus ventrum sequitur, ainda em 1875 um pouco fora de tempo.

Isaura tem uma desgracia ainda, porque apesar de branca, formosa e virtuosa, além da apurada educação que a patroa lhe deu, — nasceu de mãe escrava.

Ora, em 1875, data da publicação do romance, já o ventre era livre e as crianças não nasciam escravas.

E de crer que, escritor desde os bancos acadêmicos, que deixou em 1851, e autor de livro desde 1852, Bernardo desde muito trouxesse na fôrça o romance.

De qualquer modo, anterior ou posterior a 1871, "A Escrava Isaura" surgiu numa obra em que a luta contra a escravidão principia a sair do plano das palavras para o plano da ação.

Narrando um drama terrível, em que punha a infâmia e crueldade dos senhores e escravos em flagrante contraste com a elevação dos abolicionistas, não nutria Bernardo Guimarães alguma intenção e não marcava uma atitude?

Colocando todos os males numa concha e todos os bens na outra, com aquela pintura de otimismo dos românticos, está claro que o eminente escritor não vacilava entre as duas vias.

Abolicionista convencido, fazia obra de abolicionista.

A época não comportaria maiores vacilações. A luta ardente. Embora não o quisesse, "A Escrava Isaura" não poderia ficar exclusivamente no domínio da arte. Trazia lenha para o foguete. O seu autor estava marcado para os escravocratas.

Além da época, que demandava uma definição de atitudes de parte de todos os brasileiros, que tinham algum senso de responsabilidade, e conteúdo do romance elucidava-nos claramente acerca do pensamento do autor.

Planta o problema com o mais nítido dos seus aspectos — e é a desorganização da família que decorre entre as relações de senhores e escravos. Lá-nos um quadro novo das crueldades em prática. A premiação dos escravos, patrões e feitores. A dura vida das roças, dos cafés e dos trabalhos de fiação. O pirat do feitor, o tronco e as alpinas. De portas a dentro, refletiam-se as maiores iniquidades, enquanto, lá fora, as autoridades fechavam os olhos ou apenas apuravam as ordens dos senhores.

Desenhando-o cuidadosamente e expondo-o à vista da nação, pretendia o nosso Bernardo exclusivamente um êxito literário?

Finalmente, a tiragem de Alvaro — o pallo do drama — não deixa margem a dúvidas. É abolicionista. Não fica, porém, em palavras. Herdando escravos, liberta-os e encaminha-os para a vida dos homens livres. Apaziguando-se por uma escrava, sem escrúpulos, sem preconceitos, disputa-a ao padrão, oferecendo-se-lhe para convertê-la, e não conseguindo, arrebatando-lha, mediante execução judicial.

"A Escrava Isaura", pois, não veio apenas para tocar a eptideme de nossos patriotas do último quartel do século XIX nem provocar algumas lágrimas inúteis. Era a arma com que Bernardo Guimarães se apresentava ao bom combate — que se travava em todo o país.

Romancista, que outra arma senão o romance para honrar a sua trincheira?

Quem o ler com esses olhos — reconhecerá, em suas páginas a fulgor da oratória de Patrocínio ou o clamar dos versos de Castro Alves, que, em 1916, um ano depois, nos deu "A Cachoeira de Paulo Afonso".

Diz bem Basílio de Magalhães no seu magnífico ensaio, que não andou acertadamente o "Jornal do Comércio" em equívoco, por ocasião de sua publicação, "A Escrava Isaura" a "Cachoeira de Paulo Afonso".

Realmente, não se compara a influência de um e de outro. O que é certo, porém, é que jornalista, com essa compunção, acatou, apudamente, a intenção e a posição do escritor. (De "Menegem", quinzenário de arte e literatura, n.º 5, 16 de setembro de 1939).

MARIO CASASSANTA

GUARACIABA — romance

E não se pense que entre esses selvagens não se encontram senão rastos grosseiros e estúpidos, instintos selváticos e feroces; não é muito raro ver-se entre eles, principalmente entre certas tribos privilegiadas, felizes bem moderadas, regulares e expressivas, e nobres e generosos impulsos do coração; encontram-se por vezes entre eles criaturas em que a obra de Deus faz lembrar ainda a perfeição de sua criatura original. Guaraciaba era o tipo da beleza indígena no mais alto apuro de sua perfeição. Filha mimosa de um poderoso cacique, criada com carinho à sombra da taba paterna, sua tez não se cretara aos ardores do sol tropical, nem se lacera nos espinhos das selvas enredadas, e tinha em todo o seu frescor e pureza a delicadeza do Jumbo. Seus cabelos negros, compridos e corados ocultavam-lhe quase completamente os ombros e algumas madeiras desgarradas desluziam ondulado a beirar os puros contornos dos seios virginalis. Seus olhos pretos e oblongos eram meigos e serenos como a superfície de um lago dormente em noite de luar, ora cheios de vivacidade cintilavam como o carbúnculo. Seu porte, seus ademanes tinham a flexibilidade e a graça da creem, que ao sopro das brisas matinalis, se embala à beira da torrente. Ela se comprazia muitas vezes com a turba de suas companheiras em banhar os mimosos membros nas águas do seu pátrio rio, que ela fendia com a destreza e rapidez da lontra. Também empunhava com graça e

## POESIAS

B. L. DA SILVA GUIMARÃES

RIO DE JANEIRO  
LIVRARIA DE B. L. GUARNIER, EDITOR  
7, rua do Carmo, 11.  
PARIS — AUG. BERNARD, LIVREIRO  
7, rue de la Harpe, 3.

Página de título das POESIAS, de Bernardo Guimarães — 1.ª edição — 1855 (Guarnier)



D. Pereira Guimarães: esposa de Bernardo Guimarães. Sobreviveu até 1893, com 44 anos de idade.

## Contrato para a edição das "Poesias" de Bernardo Guimarães

"Entre os olhares assíduos, da Silva Guimarães reside o B. L. Guarnier a propriedade, com todos os seus direitos literários, da sua obra coleção de poesias intitulada: "Poesias Poéticas", pela qual se tem contrato entre si e o autor, para a edição e publicação do seguinte:

O sr. dr. Bernardo Joaquim

II

garbo senhoril um arco trabalhado de primorosas esculturas, e um caracol trancado de palhas do coqueiro imitando a pele escamosa e malhada de uma serpente e bem provido de veias, com que fazia crua guerra às avesinhas, cujas penas cobriam para seus entes.

(O Ermitão de Muquem, pag. 52).

Em fé do que passará deis contratos de livro, por esse cumprimento se obriga; por si e seus bens, bem como por seus herdeiros e sucessores; cujos contratos entre si ocorreram depois de assinados.

Rio de Janeiro, 5 de abril de 1875

Bernardo da Silva Guimarães  
E. L. Guarnier"



multo central, chamada já de vagi-  
peças arábicas, pelas canções e pelas  
músicas, batendo a porta do Alentejo e  
além do alentejo, na noite para  
as lindas ilhas. E foi este  
que me me parece o último estágio  
de sua imaginação. A *Ilha Malhada*,  
último livro publicado em vida do  
romancista, é a reconstrução de  
uma lenda maravilhosa dos pesca-  
dores, que com a sua narração in-  
fectura de uma ilha e termina com  
lindo episódio, bem compravado no  
seu *Scuta* e o episódio do *Naufrágio*,  
e ao de *Trabalho e Trabalho*,  
quando três vilãos se disputam  
pelo ouro junto do mar, todos três  
se sacrificam na morte. E os  
dois outros a abismo, e por isso  
também, infelizmente, uma re-  
construção de um episódio, do que se  
tem a sua narração de uma, que  
se a de ver afirmado, temos os  
que a abismo.

Em uma parte, o uso do português  
na obra de Almeida Garrett, e de  
que a *Ilha Malhada* não é excepção,  
e de que a *Ilha Malhada*, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a  
obra de Almeida Garrett, e de que a

# CARTA DO LIVREIRO GARNIER A BERNARDO GUIMARÃES

Rio de Janeiro, 28 de março  
de 1872

Ilmo. sr. dr. Bernardo Guimaraes  
João da Silva Guimarães  
Ouro Preto

Acabo de receber a prosa da  
carta de v. s. de 22 do corrente  
e apresso-me a lhe dar notícia  
de Garimpeiro, enviando-lhe 10  
exemplares 10 J. P. n.º 2.

É verdade, efetivamente, calhouna  
na impressão do livro: tr  
para Paris, sair no momento da  
guerra e voltar quando me fal-  
tava papel, mas então eu  
poderia e já estaria a venda se  
não fosse a *Senhora Santa*.  
Não entendo de publicar o  
outro volume d'agora uma vez  
meu. V. s. querendo pouco o  
ter pronto muito mais, porém  
julgo mais acertado deixar este  
capeto entre as duas obras.

A respeito das duas outras ob-  
servações, v. s. há de me per-  
mitir de lhe ponderar minhas con-  
siderações.

Em quanto a remuneração  
é-me torçoso considerar antes  
de tudo o resultado; se eu pu-  
desse remunerar conforme meu  
modo de ver e, posso dizer, das  
persões entendidas, as obras de  
v. s. seriam no 1.º lugar, po-  
rém não obrigado a lhe con-  
fessar que a venda que é neces-  
sariamente meu regulador não  
não corresponde intimamente;  
por qualquer romance dos srs.  
Macedo e Alencar tenho logo  
um público que ainda me falta  
para as de v. s. A que é devido  
isto? Talvez a que suas obras  
sejam mais ao alcance do pú-  
blico, talvez porque elas tem  
escrito muito mais. Encerro-me  
a este parecer e por isso não du-  
vido que se v. s. continuar a nos  
dar romances há de ir conti-  
nuadamente grangeando a po-  
pularidade que merece tanto.  
Todavia devo scientificar a v. s.  
que não há a diferença, que

talvez julga, visto que não com-  
pro ao sr. Alencar e direito de  
imprimir uma edição mas bem a  
propriedade de todos os seus di-  
reitos literários. Todos os ou-  
tros autores são menos remunera-  
dos, alguns tem somente al-  
guns exemplares. E o nosso  
mercado que nos limita assim.

É verdade que emprei bastan-  
tes obras do sr. o ano pas-  
sado; ainda tenho duas no  
prelo: A *Guerra das Muscetas*,  
e as *Senhas d'Ouro* mas v. s.  
julga que isto podia se fazer  
tanto para suas obras como  
para as do sr. Alencar, pois que  
sou pronto para publicar todas  
que queira, me dar.

Justo remito o recibo dos srs.  
J. Bento Ramos Ferreira & Cia.  
que pagou por conta de Soares  
& Vasques de Rs. 300.000 saldo  
do seu último vol. e que por es-  
quecimento não lhe envia no  
seu tempo.

Não me lembrei oferecer a  
v. s. a compra da propriedade  
das suas obras, em lugar d'um  
direito a pagar em cada edição  
como fazemos por seus roman-  
ces, e isto por ser a diferença  
de pouco, visto que, como v. s.,  
bem o percebe, me é mais conve-  
niente ter a pagar uma quantia  
maior, a precisar de fazer nova  
edição, que correr os riscos e  
pagar já. Todavia v. s. que-  
rendo pode para o futuro tra-  
tar nesse sentido.

Perdoe-me v. s. de o passar  
com tantas explicações.

Sou do parecer que "les bons  
comptes font les amis" e desejo  
continuar a merecer a estima  
de quem prezo e considero tanto.  
De v. s. am. admor. crid.  
obr.

B. L. GARNIER

(Carta em poder do escritor  
Mozyr Andrade, da Academia  
Mineira de Letras — Cópia de  
acordo com os erros do origi-  
nal).

## SONETO

Eu vi dos polos o gigante alado,  
Sobre um montão de pálios corlacos,  
Sem fazer caso dos buleões ariscos,  
Devorando em silêncio a mão do jado.

Cinco fatias de tufão gelado  
Figuravam na mesa entre os petiscos,  
Envolto em crepe de fatia rabiscos,  
Campeava o sofisma entangentado.

Quem és, que assim me cercas de episódios?  
Lhe perguntei com voz de stogismo,  
— Brandindo um facho de trovões seródios,

Eu sou, me disse, aquele anacronismo  
Que a vil terra de sulfúrios odios  
Nas trevas sepelir de um solcismo...

BERNARDO GUIMARÃES

## O MUQUEM

Bernardo Guimarães

O dia já vinha clareando nas cristas ribanceiras do Tocan-  
tins, e as brisas da manhã, que roçavam flecos, começavam  
a varrer o ténue vapor branco que a noite estendera sobre as  
águas como um rio de leite, e que despegava elevando-se em  
niveis flocos por sobre a cama verde-escura das florestas. As  
selvas enchiam-se de murmúrios, de cantos de aves e gritos de  
animais de toda a espécie. As águas ressoavam ao salutar dos  
peixes, que aqui e acolá faziam brilhar ao sol suas luzentes es-  
camas. Nuvens de aves aquáticas cortando os ares abatiam e  
vilhavam posar no longo das piumas; a alva e esbelta garça,  
mais bela que o cisne, o guará e o colibri, alardeando a be-  
leza de sua mimosa plumagem cor de rosa, o corpulento e pe-  
sado jaburu, o pato silvestre com suas escuras penas luzentes  
como o aço polido, e mil outras aves de diversas espécies e ta-  
manhos, esvoaçavam, passavam ou nadavam em bandos por am-  
bas as margens, enquanto pelas altas ramagens, que se debulha-  
vam mirando-se na torrente, miríades de pássaros de mil quan-  
tidades, batendo as asas inquietas e fazendo intensa algazarra com  
seus pios e gorjeios, e os seguis e enxigüerres gritando e saltando  
de árvore em árvore ou balançando-se nos ramos e cipos das  
brenhas emaranhadas, enchiam as selvas de vida, bulício e  
ruiro. Ali a anta membruda arrojava-se na água fozal esvoa-  
çarem sobre saltadas com grande ruído uma chuva de aves  
aquáticas; além a lontra esbelta e viva de um salto emborea-se  
no rio dando cada aos peixes e surge além tendo atravessada  
na boca a preta e pirapitinga ou a cruzeira de caxamas de  
ouro.

(O *Muquem* de Muquem)



Retrato de Bernardo Guimarães, na praça da Liberdade, em 1914.  
Horizonte. É da autoria de Bernaratti, e foi inaugurada em 1914

NOVAS

## POESIAS

DE

BERNARDO GUIMARÃES

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

TERCEIRA AV. DE VILA RICA, 110, RIO DE JANEIRO

PARIS

1900

Página de rosto do volume das NOVAS POESIAS — Edição  
Garnier — 1900

## BERNARDO GUIMARÃES

Batendo o fogo, à pedra, nos tequeros,  
De chavello e botas, a caxalo,  
Na mão o arco, a cujo jato estalo  
Os brancos animais não são ligeiros.

Pinta quadros de assuntos brasileiros,  
Gorgolejos de aves e o cantar do guio,  
O rio largo, o sol, o umbrado rio,  
Campos e serras e despenhadeiros...

Não no seu gracioso bucolismo  
Nuanças amáveis de alicheira  
E caudais opulentos de lirismo;

Tinham para ele a mesma ideal beleza  
O mistério insondável de um abismo  
E a flor silvestre da natal desceva.

LEONCIO CORRÊA

O Discurso de Augusto de Li-  
ma, na sessão publica da Aca-  
demia Brasileira, em 13 de agosto  
de 1912, comemorativo do centena-  
rio do nascimento de Bernardo  
Guimarães.



# CONTEMPORÂNEA - 2.ª SÉRIE - ANTOLOGIA DA PROSA - IV - Viriato Corrêa

## Os canaviais de Fernandes Vieira

Fernandes Vieira, naquela noite, no seu engenho S. João, estava os chefes da revolta. Tinha-os convocados, um por um, para que passassem e resolvessem sobre aquela tremenda ordem secreta de Telles da Silva, o governador pernambuco, no sentido de determinar que se fossem todos os canaviais e engenhos, para que os holandeses, desiludidos de resistir, se rendessem à capitania conquistada.

Para para nem dos morder de 1610. Estava-se no período mais sangrento da restauração pernambucana. A guerra contra o domínio flamengo estava, um ano antes, nos sérios de Pernambuco, e nas espantosas visões, como um desalo brutal de opressões contra oprimidos.

Mas, desta vez, ao contrário de quinze anos atrás, no tempo da invasão holandesa, a noite das armas sorria francamente aos brasileiros.

A vitória estrondosa das Taboas enfraquecia os inimigos holandeses, inflamando os ânimos dos nossos.

A reconquista dramática de Casa Forte mais vivamente utilizava o valor dos reivindicados da terra. Blazer, o feroz, o feroz dos nacionais, não mais tinha medo a ninguém; temeria morto por uma descarga de canhão de Serinhaém. O alcaide de Nazareth passara a mãos dos brasileiros, pela traição do major Hoogstraten. O feroz Maurício, depois de um cerco de mais de três meses, também caíra às armas dos patriotas. Christovão Lima, à frente de seu bando, reconquistara Porto Calvo.

Revezes muitos poucos. Deixar o maior foi o de Serrão de Paulo, com os seus navios destruídos pela esquadra de Lieutenant.

Mas a chama de independência ardía no coração de todos os filhos da terra. Na Paraíba, Gomes da Rocha, Francisco Leão, Rodrigues Vidal, Simão Soares tinham levantado a resistência do Arraial de Santo André, à guisa do Novo Arraial do Bom Jesus, nas vizinhanças de Recife.

O domínio da Holanda, em Pernambuco sofria golpes profundos. Olinda havia caído em uma intrepidez de Soares Barbosa; na Várzea, os restauradores conquistaram, dia a dia, as posições mais estratégicas.

Podia-se dizer que os flamengos, no Recife, eram senhores de um presidio. A situação da cidade ia além das forças humanas. Ninguém podia andar nas ruas que não fosse baleado pelas emboscadas dos insurretos. Um púcaro d'água custava sempre a vida a quem lá buscava as fontes. Morria-se de fome e de sede em plena rua. O silo dos pernambucanos apertava, cada vez mais, a cidade num ésto de tormentas.

E era justamente naquela ocasião, quando os fervezes e o desânimo abatiam as almas holandesas, que estava nas mãos dos restauradores aquela ordem secreta de Telles da Silva, mandando incendiar os canaviais e engenhos.

Quero ouvir-vos a um por um, disse Fernandes Vieira, na sala da casa de engenho. Mandada a archolex, não queriam executar a ordem do governador geral sem primeiro saber o que pensava.

E, diante do silêncio dos chefes, voltou-se para a direita, apertando:

— Vidal de Negreiros, fala! A figura morena do guerreiro, então, ergueu-se. Acha-se que se não devia executar a ordem. Era insensata. Era

absurda. A destruição dos canaviais não prejudicava os usurpadores flamengos, que os não haviam plantado, e em os filhos da terra, que os cultivavam, esperavam os lucros certos da safra. Queimar os canaviais era esmagar a economia.

— E empobrecer a capitania? exclamou fortemente Soares Moreno.

— Até parece a propósito de qualquer coisa! Disse Borges Velho, exaltadamente.

Vidal de Negreiros, com a mão espalmada, pediu silêncio. E falou:

— Não podemos duvidar, um só instante, das intenções de Telles da Silva, para conosco. São as mais puras, as mais sinceras.

— Essa ordem faz duvidar dessa sinceridade e dessa pureza, asseverou Cordeiro Mendonça, com ardor.

Negreiros inclinou:

— Não podemos duvidar, apesar da ordem.

E, durante algum tempo, se a sua voz ressoou na larga sala que os aconchegava humildemente. Ninguém, mais do que Telles da Silva, era partidário da reconquista da terra brasileira, assolada pelo domínio batavo. Todos aqueles que estiveram na Baía, em combinação com o governador geral, sabiam disso abertamente. Mesmo contra as ordens da corte portuguesa, por interesses políticos de ocasião, se não declinava a favor do movimento restaurador, Telles da Silva, até com os riscos da censura de d. João IV, estava, desde o começo, dando acatamento à insurreição tudo que lhe era possível dar. Devia-se fazer justiça ao governador geral! Aquela ordem era absurda, violenta, inoportuna, contrária aos interesses da guerra, mas ninguém podia negar que fora ditada pelo bom patriotismo do governador. Imaginava Telles da Silva, que, com a destruição dos canaviais pernambucanos, mais prontamente conseguia a retirada dos holandeses. Era um erro. Que se lhe não negassem, porém, intuídos sinceros!

Francisco Beranger, sogro de Fernandes Vieira, ergueu-se na austeridade patriarcal das suas barbas brancas:

— Penso que a ordem do governador geral não deve ser executada.

E, ouvido em silêncio pelos guerreiros, falou por muito tempo. Qual era o intuito de Telles da Silva? Destruição dos holandeses, as esperanças de ressurcir os prejuízos da guerra, tirando da futura safra de açúcar os lucros esperados. Essa razão, porém, não podia existir. Não podia existir, porque os canaviais estavam, todos eles, nas mãos dos pernambucanos. O domínio holandês, atualmente, residia na pequena faixa de terra da cidade do Recife. O Conselho dos Dezenove devia ter absoluta certeza de que as suas armas não mais avançariam um palmo de conquista pelo sertão. Só os filhos da terra, os seus, os reivindicadores, teriam que perder, se se destruísssem os canaviais, porque se eles esperavam aproveitá-los. O momento era de abstinência angustiada para os flamengos. A democratização das tropas intrusas era completa. No Recife morria-se de sede e fome. As esperanças estavam de todo mortas.

E, com a voz pausada, sonora e firme:

— Não no momento em que infligimos ao inimigo as mais duras derrotas, no momento em que a vitória se esboça ao nosso lado, e que vamos destruir aquilo que conquistamos,

apenas para apagar nos holandeses uma esperança que eles não têm, nem podem ter! Ardo que não se deve executar a ordem.

E, com a mesma serenidade e a mesma firmeza:

— Telles da Silva está na Baía, nos estancos aqui. Nós é que estamos o que se deve fazer. Aceito que, se o governador geral, aqui estivesse, conhecendo como nós a situação, nunca erroveria tal ordem. Destruição dos canaviais e destruição a nós mesmos, que amanhã não teremos de onde compensar os sacrifícios da guerra.

Ergueram-se todos, aplaudindo-o.

— Não será executada a ordem, disse gravemente Fernandes Vieira.

A reunião dramanchou-se. Os guerreiros e os senhores de engenho vieram para o grande avarandado, onde a brisa da noite soprava levemente. O céu estava limpo e bruno, com todas as estrelas. De além, dos lados do Novo Arraial do Bom Jesus, chegavam apagadamente os sons de uns tiros de fuzilaria. Era, de certo, alguma escaramuça dos insurgentes contra os holandeses.

Vidal de Negreiros aproximou-se de Fernandes Vieira.

— Achei-vos silenciosos, apressivo. O chefe abalou-se com a ordem de Telles da Silva?

— Profundamente, respondeu o outro. Estou a pensar o que não irão dizer os meus inimigos.

— Por que?

— Porque não executo a ordem do governador geral.

— Não compreendo.

— Irão dizer que a não executo porque tenho canaviais.

— Mas a ordem recebeu a repulsa de todos os responsáveis pela guerra. Foram eles que a repeliram.

— Mas, as culpas cairão unicamente sobre mim. A maledicência visará somente a minha pessoa.

Os guerreiros e os senhores de engenho preparavam-se para partir.

— Volta hoje para o Novo Arraial do Bom Jesus? perguntou Vieira a Negreiros.

— Se vossa merce não volta e me dá hospedagem por esta noite, ficarei.

— Voltaremos amanhã ao nascer do dia.

— Está bem.

Minutos depois, Fernandes Vieira desaparecia.

Negreiros ficou sozinho a um canto do avarandado, gozando a frescura da noite e as estrelas do céu. Muito tempo ali ficou, como num repouso, a espera do dono da casa. O cansaço rendeu-o; fecharam-se-lhe os olhos.

Mas um clarão rosado, longínquo, foi tingido pouco a pouco as linhas do horizonte. Ele despertou. Ficou de pé, a olhar. O clarão amarelou, albrava-se, colorando o céu. Era um incêndio, ali perto, devastando certamente as matas da arredores.

Vidal saiu para o terreiro. Viu-se, a distância, as labaredas cada vez mais altas, lambendo o espaço. Que era aquilo? Alguma sortida, alguma escaramuça dos pernambucanos contra o inimigo?

O ruído de Fernandes Vieira apareceu a dois passos.

— Vede, chefe!

— Estou vendo, respondeu Vieira.

— E sabeis o que se faz?

— Os meus canaviais. Incendiando-os.

Vidal de Negreiros ficou, atarrado:

— Incendiou-os?

— Para que ninguém diga que eu tive interesse em não executar a ordem de Telles da Silva.

— Mas vossa merce com isso, perde muito.

Fernandes Vieira calou-se e, depois, como se as palavras lhe saíssem mutiladas do fundo do peito:

— Sim. Uns duzentos mil cruzados. Acho que não se deve executar.

*O apelo do Homem Honrado*

*Dele, o velho, dependendo em um só ponto em casa do Homem Honrado.*

*— Que de não poder, disse. Há dias que não há paz em casa. Não posso. Não posso.*

*Visto de fora há muitas vezes de incêndio. Olha ali, no meio do céu, há um tiro de*

*de, mais o castelo e o fogo e o fogo que lá, a*

*— Fumaça, disse. O Homem Honrado. Fumaça vermelha de fogo e de incêndio, um*

*palhaço.*

*— E lá, outro dia.*

*— E um que lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

*— E lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado. Lá, lá, o Homem Honrado.*

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## Bibliografia de Viriato Corrêa

**CRONICAS HISTORICAS:**  
"Cronica de Santa Cruz", 1921.  
"Historia da Nossa História", 1921.  
"Cronica de meus avós", 1927.  
"Cronica de Sapateiro", 1922.  
"Alagoas da História", 1924.  
"Cronica (Contos)", 1934.  
"Casa de Babilônia", 1936.  
"O País do Pau de Tinta", 1939.

**CONTOS:**  
"Minaretes", 1903.  
"Contos do Sertão", 1912.  
"Novecentos e Oitenta", 1921.  
"Histórias Asperas", 1928.

**ROMANCE:**  
"Batidão", 1927.  
**LITERATURA INFANTIL:**  
"Era uma vez...", 1908.  
"Contos da História da Brasileira", 1921.  
"Varinha de Condão", 1928.  
"Área de Nod", 1930.

## O CRIME DE PEDRO

(Continuação da pag. 140)  
Cumprida a pena inteira, intelectual, e dois meses depois de ter saído da cadeia, eis que...  
O escritor Lucio de Paula estremece bruscamente.  
— Já vi lá sei o que você vai dizer. Dois meses depois de Pedro cumprir a pena, o verdadeiro assassino do Urco, a hora da morte, confessou o crime.  
Coronel Vargem sorriu:  
— Isso seria fatal. Seria a vulgarização dos erros judiciários. Prometi-lhe um conto novo, exatíssimo, horrível, doloroso. Um conto que nunca mais se esqueça pelo pouco que tem de feio. E o que lhe vou dar. Considere o que sou trinta anos de vida de um homem morto na grade de uma prisão e peço a amargura deste desfecho. Veja quanto falta a justiça para uma criatura que perdeu toda uma existência na cadeia e sob o ferrete inextinguível de assassino. Ouça. Dele, narra o crime de Pedro ler cumprida a pena.

E quando a voz mais alta:  
— Dois meses depois de Pedro ter cumprido os trinta anos de prisão eis que, na vida, entra um homem que um Pedro nem a cidade ninguém esperava.  
— Quem era? perguntou Lucio de Paula, nervosamente. Quem?  
Coronel continuou:  
— E entre de cara as costas, com o mesmo bagor, a mesma silêncio, apenas mais velho. O Urco.

## GRATIDÃO HUMANA

Ninguém se fia na gratidão humana, ninguém conta com a coarctação alheia com o bem que lhe faz.  
Quem faz o benefício é como o rio. Quem o recebe é como o mar.  
Veja essa parábola de rios que mostram as terras do mundo. Correm todos para o mar, todos, sem exceção de um só. Ao mar tudo, a própria vida, o próprio ser. Alguém já ouviu dizer que, ao rio, o mar deve alguma coisa?

## A TEIMOSIA DO HOMEM

Não sei se vocês já se metulou nesta particular. Nosso Senhor tem mais facilidade em mudar o natural das coisas que o natural dos próprios homens. Homem e coisa ruim — tem o queixo duro; no fim da vida e mais ou menos o mesmo que foi no começo. Os lugares — não. Uma vila alegre, de uma hora para outra, passa a ser triste; uma vila triste, sem se esperar, uma tal impetuosa, sem se saber mesmo como mudou.  
Um bom filho, de rapaz, um dia inteiro para subjugá-lo e nada se consegue. Uma boada, com um simples "cavado", quase sempre se meto no curral. Uma criança, mesmo trabalho, se transformar um povo que um homem só.  
(Histórias Asperas)

# Duas concepções do Estado - OLIVEIRA VIANNA

O Estado Socialista Alemão tem o seu fundamento na raça. Equivale dizer: é uma comunidade política que se constitui pelo critério da homogeneidade racial — como as comunidades religiosas se constituem pelo critério da identidade de crenças. O novo alemão que — politicamente — tem a sua expressão no Reich, é — etnicamente — constituído por todos os indivíduos que pertencem à raça germânica. O ideal político do nacional-socialismo alemão é congregar todos os indivíduos de sangue germânico sob uma única soberania e sob um só governo — num Reich único. Teoricamente, todos os que trazem sangue germânico nas veias em dose suficiente para caracterizá-los fisicamente ou morfológicamente como de tipo germânico, devem viver, dentro do Reich, sob a sua soberania. O Reich alemão é concebido como uma espécie de "corpus mixtum", dentro do qual se devem congregar e unir todos os alemães do mundo — como a Igreja é um corpo misto, dentro do qual se congregam todos os católicos do mundo. É um "volkskörper" Organismus, como disse Hitler, isto é, uma única entidade política organizada — e não uma nação politicamente organizada, como os demais Estados.

Resulta daí que devem existir milhões de soberania do Reich, como cidadãos, não apenas os alemães que vivem dentro do território da Alemanha, mas também os demais alemães, espalhados por diversos países e continentes do globo. O fato de pertencer à raça germânica não assegura ao indivíduo facilidade em outro país apenas a aquisição ou a possibilidade de obter as prerrogativas de cidadão do Reich; tem consequências mais sérias: cria-lhe também uma obrigação — a obrigação de ser cidadão do Reich.

Ora, isto é pretexto de consequên-

cia gravíssima. Uma delas é justamente que, por esta especificidade racialista do seu sangue, tem o Reich direito de incorporar à força, se for preciso, à sua comunidade e submetê-la à sua soberania. O Anschluss austríaco e a incorporação violenta dos Sudetas exemplificam o alcance e dão o resumo exato desta nova concepção de Estado, que é o Estado expresso de uma população constituída pelo critério da identidade de raça e não Estado expresso de uma população constituída em nação, que é um produto de fatores históricos e geográficos.

Desta concepção estritamente racial do Estado, desta concepção do Estado-racia, concepção angélica da doutrina do nacional-socialismo decorre outro conceito, que interliga diretamente a raça aos alemães, e que para nós é de importância fundamental: é o conceito da relação entre o território e o Estado.

Na concepção dos povos civilizados o Estado é uma comunidade política constituída dentro de um espaço determinado e definido — dentro de um território. Cada nação organizada sob Estado tem, em consequência, um limite geográfico e dentro deste limite exerce a sua soberania. O tamanho de um Estado é condicionado pelo tamanho do seu território: é o território que determina, circunscreve o campo da soberania de um Estado.

Esta limitação territorial da soberania ocorre, porém, por força deste conceito, até agora dominante na doutrina do direito público moderno, um limite geográfico. Isto é — como já acentuamos — do Estado como expressão da organização política de uma população indeterminada, etnicamente e vivendo, tradicional e historicamente, dentro de um território de extensão predefinida e definida.

Ora, tal limitação territorial da soberania não poderia ocorrer num Estado organizado nos moldes do Estado hitleriano, que é um Estado fundado no conceito dos outros, no princípio da homogeneidade étnica: o conceito do Estado-racia. Se é o grupo racial que determina o tamanho do Estado e o campo da aplicação da sua soberania, o Estado Nazista, o Estado-Racia, o Reich, em suma, não pode, logicamente, ficar confinado dentro de um determinado espaço geográfico definido de um território, como os outros Estados organizados pelos moldes clássicos. Se é o sangue que importa a soberania, onde existir sangue germânico ali deve existir a soberania do Reich. Dentro da concepção nacional-socialista, as fronteiras geográficas que limitam a soberania dos Estados atuais não podem constituir barreiras à extensão da soberania do Reich. Este só poderia ficar confinado dentro dos limites territoriais da Alemanha se a população alemã se houvesse conservado nacionalista, deixando de crescer ou de se expandir. Se se tivesse deixado a população crescer, o Reich se expandiria para além das fronteiras geográficas da comunidade racial germânica.

Em toda a parte do mundo, onde dominam outros tipos de Estado, que repousam sobre uma concepção territorial e não racial da soberania, estas porções das respectivas populações, desbordadas do território do Estado, ficam submetidas à soberania dos Estados em que ingressam e são consideradas estrangeiras, como imigrantes, "residentes" ou "colonos", mas mais ou menos ditos. No tipo de Estado, como o nazista, baseado na concepção racial, estas porções transbordadas continuam a ser consideradas — e nem por legistas do povo das nações pertencendo ao Reich e, consequentemente, devendo permanecer sujeitas à sua soberania. Logicamente, cabe ao Reich, pois, o direito de estender os seus limites geográficos para além das fronteiras atuais ali — "O mesmo sangue deve pertencer ao mesmo Império".

Disse Hitler: O povo alemão não poderá pretender qualquer atividade colonial (isto é, não com a condição de ter reunido todos os alemães sob uma única soberania). Quando o território do Reich estiver todos os alemães se vier a verificar que tal pretensão não é impossível, os territórios alemães de fora do Reich terão direito moral de obter territórios alemães; e achar-se-á o lugar à espera, e o

para das futuras gerações nascerá das lágrimas da guerra".

Dai a afirmação das doutrinas da nacional-socialismo de que o Estado nazista não pode reconhecer como barreiras intramontáveis à soberania do Reich as fronteiras territoriais dos Estados vizinhos da Alemanha, uma mesma doutrina. O Reich, portanto, tem o direito de invadir e ocupar onde quer que haja uma população de sangue alemão há o território alemão; portanto, ali deve existir a soberania do Reich. Logo — dizem eles — se uma fração da população alemã, que é dotada de inextinguível expandibilidade política, fixando-se nos territórios vizinhos, está o Reich naturalmente investido do direito de "passar" esta massa emigrante incorporando-a à sua soberania nos territórios invadidos e colonizados por ela.

Tudo isto como se se fosse uma correnteza lógica, a natureza da concepção do Estado racial e o conceito — do Estado baseado na raça, na comunidade de sangue, numa etnia — e não apenas numa comunidade nacional. Os nazistas repetem, assim, a concepção clássica do Estado — do Estado constituído dentro de um território, cujos limites são predeterminados e invariáveis. Na sua concepção, o Estado é uma comunidade política constituída dentro de um território expandido territorialmente (transmissível, Wackstums), porque submetida a um processo de continuo crescimento demográfico e econômico.

Dai o seu conceito do Estado como um "beweglich", tal como a qualificação de "Estado" doutrinário desta concepção. Dai também a teoria do "movimento" permanente da expansão, do desenvolvimento, da expansão do crescimento espacial da comunidade germânica — do destino "völkisch" heidegger, que é a ideia central do nacional-socialismo alemão e com que ele legitima, consagra, sacraliza o pilhagem, conquista, escravização dos povos vizinhos: — "Deutschum ist in Bewegung geraten" — dizem.

Praticamente, tem sido esse o fundamento das "revoluções" de Hitler contra a Áustria, contra a Tchecoslováquia, contra a Polónia, contra a França, a Bélgica e a Holanda, contra a Rússia, contra a sua própria aliada, a Itália, uma reação à população germânica do Tirol. Vitoriosa porventura a Alemanha, este mesmo fundamento irá servir para justificar a total incorporação ao Reich da Suíça, da Dinamarca e da Escócia.

Todas estas nações pertencem a gentes de sangue nórdico, de que é a expressão pré-nacionalista a Alemanha, a "grande Alemanha" hitleriana.

Não importa que sejam a Holanda, a Dinamarca, a Suécia e a Noruega, nações que falam línguas próprias e diferentes da alemã e Reich. Nada, não é uma comunidade de língua — e, sim, de raça.

Hitler já uma vez observou claramente que não é a língua que está a comunidade alemã — e "Deutschum" — e, sim, o sangue. Os povos escandinavos, embora falem línguas nacionais, são de sangue nórdico, e, portanto, são alemães. Logo, terão de estar dentro da grande comunidade racial germânica, de que o Reich alemão é a suprema expressão política.

Em tais logias, não haveria — para os países vizinhos do Reich, por onde os alemães se infiltram, ou para os países, como a França, a Itália, a Grécia, os correntes de imigração e, portanto, as correntes alemãs — um único caminho, um único recurso contra a singularidade. Este — a política da imigração dos alemães — "em geral" não apenas os nazistas, também os bolcheviques, batidos — e isto porque, como já observamos, não é a língua, nem a nacionalidade alemã do grupo imigrante que os oprimidos, e, sim, a raça aliada, segundo a doutrina nazista, reito ao Reich, ou a sua soberania política, ou a sua soberania política.



